

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**LIZANDRA FIDELIS DE OLIVEIRA**

MEMÓRIA E SILÊNCIO EM TEMPOS DE DITADURA:  
Uma pesquisa sobre o impacto da censura na Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos

Rio de Janeiro

2016

LIZANDRA FIDELIS DE OLIVERA

MEMÓRIA E SILÊNCIO EM TEMPOS DE DITADURA:

Uma pesquisa sobre o impacto da censura na Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Antonio Jose Barbosa de Oliveira.

Rio de Janeiro

2016

## FICHA CATALOGRAFICA

O481 OLIVEIRA, Lizandra Fidelis de

Memória e Silencio em tempos de Ditadura: uma pesquisa sobre o impacto da censura na Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcelos. / Lizandra Fidelis de Oliveira – 2016.

70f

Monografia apresentada – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Administração de ciências contábeis, curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação

Orientador: Prof<sup>o</sup> Antonio José Barbosa de Oliveira

1- Ditadura militar 3- Ato inconstitucional 4 - Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcelos 5-Memória 6-IFCS.

CDD 981.063

LIZANDRA FIDELIS DE OLIVEIRA

MEMÓRIA E SILÊNCIO EM TEMPOS DE DITADURA:  
Uma pesquisa sobre o impacto da censura na Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro 05 de janeiro de 2017.

.....  
Profº Drº Antonio José Barbosa de Oliveira  
Orientador

.....  
Profª Draª Regina Maria Macedo Costa Dantas  
Membro Interno

.....  
Profº Drª Nysia Oliveira de Sá  
Membro Interno

*Dedico esse trabalho e toda minha trajetória aos dois grandes amores da minha vida: minha mãe Nete, que é meu alicerce, e minha filha Laura Luiza, minha razão de ter lutado e chegado até aqui. Para elas somente por elas.*

## AGRADECIMENTOS

A essa força que não se vê, mas que foi o principal combustível para chegar até aqui. Obrigada Meu Deus, por tudo, eu conseguir, minha fé me conduziu nesse caminho.

Agradecimento muito mais que especial, além de tudo que possa existir nessa vida, a pessoa que amo por toda minha vida, e que tenho como grande exemplo, por sua força e vitalidade por sua garra, que está ao meu lado em todos os momentos da minha vida, que com certeza esperou com fé essa minha conquista, obrigada minha Mãe, obrigada, eu conseguir, aqui estou, obrigada por tudo.

A Laura Luiza, minha filha, o grande motivo disso tudo, agradeço a ela, principalmente pela paciência, e por seu amor incondicional, para com essa mãe muitas vezes ausente e estressada;

Agradeço a UFRJ, pelo acolhimento por ter aberta suas portas. Agradeço ao CBG.

Agradeço de todo meu coração ao meu Orientador Professor Antônio José, pelo incentivo pela ajuda irrestrita, por ter abraçado o meu tema com carinho. Sou grata por sua orientação, por sua ajuda, por ter me guiado no trabalho.

Agradeço sem restrições a todos os professores do curso de biblioteconomia, e a cada um a sua devida importância na minha formação e conhecimento.

À Bibliotecária chefe da Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos, Alacilda Alves da Conceição e a toda a equipe que abriram o acesso aos documentos para a realização desse trabalho, meus sinceros agradecimentos na cooperação da construção do meu tema..

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Ivonne Maggie, pela entrevista gentilmente concedida e que foi elemento principal na construção dessa pesquisa.

Meu sincero agradecimento à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marieta de Moraes Ferreira, por diversas vezes ter me recebido tão prontamente com dicas e conselhos sobre meu trabalho.

Agradecimento especial às Professoras Nysia Sá e Regina Dantas pela gentileza de terem aceitado compor minha banca.

Um encontro de coração e de alma, meu mais que agradecimentos a essa grande amiga que fiz, por sua generosidade, carinho e ajuda em todos os momentos dessa jornada; que estamos chegando ao final sempre juntas. A minha amiga Shana Ferreira, por tudo, pela sua importância por suas mãos sempre estendidas, minha eterna gratidão.

Obrigada a todos meus amigos (as) da turma 2013.1. Momentos vividos que ficaram para sempre na memória de cada um.

**“O fogo com que você ameaça as letras sagradas queimará você mesmo como ato de justiça”.**

**(Vicente de Saragoça)**





## RESUMO

O presente trabalho apresenta elementos relacionados a uma pesquisa histórica a respeito da censura e do processo político entre os anos de 1968 a 1979 tendo como estudo de caso a Biblioteca Marina de São Paulo Vasconcellos que pertence ao Instituto de Filosofia e Ciências sociais – IFCS e ao Instituto de História – I.H, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. O tema abordado é de grande importância e relevante para a nossa história, pois aborda um contexto específico de uma conjuntura política que atingiu várias instituições, sobretudo as universidades, interferindo diretamente na organização dos lugares de memória. A pesquisa realiza uma investigação de como o regime atuou na referida biblioteca. O Estado de exceção usava de vários métodos para impor sua política autoritária para atingir as Universidades, cerceando as liberdades individuais e promovendo rígido controle à informação. Bibliotecas são lugares de salvaguarda da memória, é instituição depositária de informações e de conhecimento sistematizado e organizado. É nos livros que o conhecimento é disseminado; não seria de se estranhar que o regime focasse, justamente em dificultar o acesso à informação e implantar mecanismos de censura nas bibliotecas, principalmente as universitárias. Os objetivos da pesquisa consistem em pesquisar como a biblioteca lidava com a censura imposta pela ditadura militar e as demandas do Estado repressor e perceber de que maneira a biblioteca sofreu impacto com as medidas de censura impostas pelo AI-5. Pretende-se ainda observar a dinâmica de funcionamento da biblioteca durante a vigência do AI-5, diagnosticar como os livros ditos subversivos eram guardados e se havia algum controle no empréstimo desses livros na biblioteca. Pretende-se ainda verificar se a biblioteca era um espaço vigiado pelos órgãos de controle do regime. O tema foi escolhido por ser um assunto relevante para a história e também importante para a história das bibliotecas inseridas neste contexto político de repressão. O trabalho consiste de pesquisa histórica baseada em levantamento documental e entrevista com professora titular, ex-diretora do IFCS. O aporte teórico fundamenta-se nos conceitos de memória social, memória política, biblioteca universitária, censura e informação. Como resultado, chegou-se à conclusão de que não houve uma censura explícita na Biblioteca do IFCS, embora seu fechamento no período possa ser considerada uma forma de censura, mesmo que velada.

**Palavras-chaves:** Biblioteca universitária. Censura. Ditadura. Informação-conhecimento. Memória.

## ABSTRACT

This paper presents elements related to a historical research about censorship and the political process between the years 1968-1979 with a case study Marina São Paulo Vasconcellos library that belongs to the Institute of Philosophy and Social Sciences - IFCS and Institute of History - IH, the Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ. The topic is very important and relevant to our history as it addresses a specific context of a political situation that hit several institutions, especially universities, directly interfering in the organization of places of memory. The research will conduct an investigation of how the system worked in that library. The state of exception used various methods to impose its authoritarian politics to achieve universities, restricting individual freedoms and promoting strict control information. Libraries are memory backup places, it is depositary of information and systematic and organized knowledge. It's in the books that knowledge is disseminated; it would not be surprising that the focasse regime, precisely in hindering access to information and implement mechanisms of censorship in libraries, mainly university. The research objectives are to research how the library dealing with the censorship imposed by the military dictatorship and the demands of the repressive state and realize how university libraries were impacted with the censorship measures imposed by the AI-5. The aim is also to note the library's operating momentum during the AI-5 term, diagnose and said subversive books were kept and had some control on these loan books in the library. The aim is also to check if the library was a room guarded by the system control units. The theme was chosen to be a subject relevant to the story and also important for the history of libraries inserted in this political context of repression. The work will consist of historical research based on documentary survey and interviews with librarians, teachers, administrative or students who have experienced directly or indirectly, shares of time in the library. The theoretical framework is based on the concepts of social memory, political memory, university library, censorship and information. As a result, we came to the conclusion that there was no explicit censorship in the IFCS Library, but the very closure of the Library in the AI-5 period was a form of censorship even though it was silent

**Keywords:** University library. Censorship. Dictatorship. Information-knowledge. Memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Antiga Faculdade Nacional de Filosofia. Av. Antônio Carlos.	18
Figura 2	Biblioteca Central da FNFfi.	19
Figura 3	Salão de Estudos da Antiga Biblioteca	19
Figura 4	Marina Delamare São Paulo de Vasconcelos	23
Figura 5	Salão de Leitura da Atual Biblioteca	23
Figura 6	Antiga Biblioteca do IFCS no 2º Andar	47
Figura 7	A Biblioteca Marina São Paulo De Vasconcellos Atualmente	52
Figura 8	Foto da entrada da antiga Biblioteca no 4 andar	68
Figura 9	Panorama da antiga Biblioteca	69
Figura 10	Foto da coleção Marina São Paulo de Vasconcellos	70
Figura 11	Visão geral da Biblioteca Atual	70

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ASI ASSESSORIA DE SEGURANÇA E INFORMACÃO

AI-5 ATO INCONSTITUCIONAL NÚMERO 5

IFCS INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

I.H INSTITUTO DE HISTÓRIA

FNFi - FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

UDF UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL

UFRJ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	JUSTIFICATIVA.....	12
1.2	PROBLEMATICA.....	13
1.3	OBJETIVO GERAL.....	13
1.4	OBJETIVO ESPECÍFICO.....	14
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS</b> .....	15
2.1	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	15
2.2	CAMPO DA PESQUISA.....	16
<b>3</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	17
3.1	A Origem do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e do Instituto de História.....	17
3.2	A BIBLIOTECA MARINA SÃO PAULO DE VASCONCELOS.....	22
<b>3.2.1</b>	<b><i>A Biblioteca enclausurada</i></b> .....	25
3.3	O REGIME MILITAR.....	27
3.4	A1-5.....	28
<b>4</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	30
4.1	CENSURA.....	30
4.1.1	<b>Um General na Biblioteca</b> .....	32
4.2	DITADURA.....	33
4.3	BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	34
4.4	INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO.....	35
4.5	MEMÓRIA.....	37
<b>4.5.1</b>	<b>Memória e historia</b> .....	37
<b>4.5.2</b>	<b>Memória coletiva</b> .....	38
<b>4.5.3</b>	<b>Memória política</b> .....	38
<b>5</b>	<b>ENTREVISTA –UMA ANÁLISE DO DEPOIMENTO DA PROF<sup>a</sup> YVONNE MAGGIE</b> .....	41
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53
	<b>APENDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA</b> .....	57
	<b>APENDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA</b> .....	66
	<b>APENDICE C – FOTOS</b> .....	69
	<b>ANEXO – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA</b> .....	70

## 1 INTRODUÇÃO

O impacto causado pela censura durante a ditadura militar no funcionamento das Bibliotecas Universitárias é algo que ainda que se encontra rebuçado. Não existem muitas pesquisas sobre censura em bibliotecas, as quais se limitam ao Brasil. Infelizmente, pouco se fala sobre a atuação da censura em bibliotecas. Não se têm estudos muito específicos da atuação de censores nas bibliotecas, principalmente as universitárias, ou talvez na época, por certa concordância com o regime de governo, tenha se omitido os fatos.

O presente trabalho apresenta elementos relacionados a uma pesquisa histórica a respeito da censura e do processo político entre os anos de 1968 a 1979, englobando assim a Biblioteca Marina de São Paulo Vasconcellos que pertence ao Instituto de Filosofia e Ciências sociais – IFCS e do Instituto de História – I.H, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

O tema abordado é de grande importância para a nossa história e bastante relevante, pois o assunto traz vários contextos dentro de uma conjuntura política da época, e, que atingiu várias instituições, sobretudo as Universidades e, os vários lugares de memória, assim como as informações eram disseminadas nas bibliotecas, se existiam algum tipo de restrição; como as informações eram tratadas dentro desse contexto de autoritarismo, quais eram os mecanismos de divulgação que as bibliotecas usavam (se era que usavam) para divulgarem suas idéias, seu acervo.

Qual terá sido o impacto causado do regime militar sobre as universidades, assim como os profissionais da academia e de toda a estrutura universitária? Até que ponto o regime militar atuou dentro das universidades? (MOTTA, 2014, p.7).

O Regime militar instaurado em 1964, através de um golpe, procurou posicionar seu poder arbitrário e repressivo por meio de perseguições, principalmente no controle a informação ou limitando o acesso a informações. A censura terá atingido bibliotecários(as) da época? Qual terá sido a posição da biblioteca como unidade de informação frente ao regime censitário? A biblioteca estudada faz parte de uma faculdade dos cursos de ciências humanas, faculdade visada pela repressão, e constantemente “visitada” por agentes e censores, a biblioteca do IFCS, estava no olho do furacão, com professores e alunos o tempo todo sendo expurgados.

A pesquisa realizou uma investigação de como o regime atuou na biblioteca do IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e I.H – Instituto de História. O Estado autoritário usava de vários métodos para impor sua política autoritária para atingir as Universidades.

Bibliotecas são lugares de guarda e salvaguarda a memória, é depositária de informações. É nos livros que o conhecimento é disseminado, não seria de se estranhar que o regime focasse, justamente em dificultar o acesso à informação e implantar mecanismos de censura nas bibliotecas, principalmente as universitárias: “Os expurgos de livros não se limitavam às residências particulares, atingiam também as bibliotecas públicas”. (MOTTA, 2014, p, 42)

Valendo-nos de Motta desperta-nos o interesse em perceber qual terá sido o impacto que a ditadura causou nas universidades e também nos profissionais da academia.

As várias estratégias utilizadas pela ditadura para o controle da informação dentro da biblioteca do IFCS as perseguições aos contrários ao regime político, sobretudo no momento em que o AI-5 foi instaurado e houve toda uma turbulência, principalmente nas universidades. O trabalho abordará no contexto histórico a Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos, o golpe militar e a implantação do AI-5. Nos conceitos serão trabalhadas as definições de: censura memória, bibliotecas universitárias e informação e conhecimento.

As bibliotecas ao longo da história sempre sofreram intervenções, visto que muitas bibliotecas são destruídas quando há uma guerra, por ser a biblioteca um lugar de memória e informações, muito se preocupa em não deixar vestígios quando se trata de combater o inimigo. Assim descreve Chartier:

A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas idéias. A força do escrito é de ter tornado tragicamente derrisória esta negra vontade (CHARTIER, 1999, p. 23).

O papel de uma biblioteca é preservar, salvaguardar a memória, a história, difundir novas idéias, através das informações contidas e que são pesquisadas nos acervos. A biblioteca dissemina a produção literária de cada lugar que é inserida. As universidades que sempre foram locais de produções acadêmicas receberam a maior carga imposta pelo regime ditatorial, conseqüentemente, suas bibliotecas pela ação da censura.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

O tema apresentado foi escolhido por ser um assunto relevante para a história política e cultural e, também importante para a história das bibliotecas inseridas neste contexto político de repressão em que o Estado, através de ações que limitavam e delimitavam o acesso à informação.

A pesquisa se justifica pela importância do estudo em relação à censura que as bibliotecas possam ter sofrido na época da ditadura civil-militar, e, como as mesmas reagiram ao impacto causado pela mesma.

## 1.2 PROBLEMATICA

Mediante as pesquisas que serão realizadas neste trabalho, busca-se saber a partir de um conjunto de fatores apresentados; em que campo a biblioteca estudada foi mais atingida pela censura durante o A1-5. A ditadura deixou marcas até hoje não cicatrizadas, mesmo que a biblioteca não tenha sido atingida por expurgos diretamente, a censura como mecanismo de repressão - mesmo que velada aconteceu, na memória do acervo, nas restrições a informações, que podem até nos dias de hoje haver uma lacuna não preenchida, oriunda dessa época. A censura à biblioteca do IFCS, como sendo uma biblioteca de acervos com títulos vistos naquela época como subversivos. Na sua maioria com autores considerados esquerdistas, comunistas, etc., poderiam afirmar que o legado deixado pela ditadura, atingiu até hoje a nossa memória? E que as várias proibições expostas pela censura em atingir a informação de maneira direta, podem ter mudado o cenário do conhecimento pós ditadura? Os resquícios deixados pela censura na sociedade, tornaram-se algo que é quase imperceptível, mas que existem, e, é passada de geração, uma herança imposta hoje em dia pelos valores morais conservadores.



### 1.3 OBJETIVO GERAL

Estudar e pesquisar como a Biblioteca do IFCS lidava com uma possível censura imposta pela ditadura militar e as demandas do Estado repressor , bem como observar de que maneira a Biblioteca foi impactada com as medidas de censura impostas pelo AI-5.

### 1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Identificar como a censura e o controle da informação imposta pela ditadura militar no auge do seu totalitarismo durante a instauração do A1-5, agiu dentro da Biblioteca.

2. O funcionamento da Biblioteca durante a vigência do A1-5, saber como os livros ditos subversivos eram guardados e se havia algum controle no empréstimo desses livros na biblioteca.

3. Verificar se a biblioteca era um espaço vigiado pelos órgãos de vigilância política e de informação como os ASI<sup>1</sup> implantados dentro das universidades federais.

4. Analisar através de entrevista concedida, como professores e alunos conviveram em um período turbulento, em que professores eram vetados de trabalharem com títulos de autores proibidos.

5. Mostrar que regime militar nesse momento de segundo golpe se caracterizou como sendo mais violento dentro do espaço universitário.

6. Identificar como a censura e o controle da informação imposta pela ditadura militar no auge do seu totalitarismo durante a instauração do A1-5, agiu dentro da Biblioteca.

7. Identificar quais foram às implicações posteriores que podem ter acontecido mediante a censura naquele espaço de pesquisas, estudos e memória.

O norte da pesquisa consiste na seguinte proposta: além de uma pesquisa histórica em que a Biblioteca é o principal tema, também relacionar com conteúdos de que se evidenciou em prejuízos irrefutáveis para a informação, para a memória e na produção de conhecimentos.

---

<sup>1</sup> Assessoria de Segurança e Informação:

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho consiste em uma pesquisa histórica e bibliográfica de caráter qualitativo, baseada em levantamento documental e uma entrevista sobre a censura na Biblioteca do - IFCS, durante o A1-5. Através de uma abordagem qualitativa com exames de matérias bibliográficos.

Para realização dessa pesquisa analisamos todo contexto da época no que tange os aspectos políticos e sociais e ideológicos sobre a censura na biblioteca Marina São Paulo de Vasconcelos.

### 2.1 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados foi realizado com uma de entrevista com a Prof<sup>ª</sup>.dr<sup>a</sup>. Yvonne Maggie. Existem vários tipos de técnicas de entrevista, a que se pretende utilizar será a entrevista semiestruturada, que de acordo com Boni; Quaresma (2005, p,75), combinam perguntas abertas e fechadas, o entrevistado pode participar do tema. A técnica da entrevista aberta e semiestruturada fornece uma melhor amostra da população estudada, deixa as pessoas entrevistadas mais à vontade ao falarem sobre o assunto relacionado à vida delas.

A entrevista é uma fonte de informação que nos fornece um conjunto de dados, de acordo com o diálogo construído entre o pesquisador e a pessoa que está sendo entrevistada.

Primeiro ponto importante é o pesquisador falar sobre seu trabalho para o entrevistado para que ele possa dependendo de a faixa etária buscar na memória suas lembranças, assim como também citar a qual instituição seu trabalho está vinculado. Deve-se explicar ao entrevistado qual a importância do trabalho e quais motivos da pesquisa: “O entrevistado tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (LAKATOS; MARCONI, 1990, p. 191).

Realizar entrevistas não é tarefa fácil, o pesquisador deve ter conhecimentos para saber coletar as informações de forma adequada e precisa que atenda os objetivos da pesquisa.

A realização de uma boa entrevista deve ter seus objetivos já traçados, e, que se tenha um profundo conhecimento e domínio do tema investigado.

## 2.2 CAMPO DA PESQUISA

O campo da pesquisa foi nas áreas de estudos da história política e do campo da memória social por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental. A entrevista possibilitou as interlocuções entre os conceitos apresentados.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO

Para maior entendimento do trabalho foi realizada uma descrição dos objetos envolvidos na pesquisa contextualizando assim o assunto.

#### 3.1 A origem do Instituto de filosofia e Ciências sociais e do Instituto de História

Não podemos fazer uma pesquisa sobre a Biblioteca, sem antes fazer um breve histórico de como a Faculdade onde hoje se encontra a Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos foi criada. A origem do IFCS e, hoje também LH(Instituto de História) se deu da fragmentação da FNFi (Faculdade nacional da filosofia. A FNFi, foi criada em 1939, durante o governo de Getulio Vargas, quando do fechamento da UDF (UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL) A Universidade do Distrito Federal (UDF) foi criada em 1935, numa época em que o Rio de Janeiro ainda era a capital do país. Anísio Teixeira, então secretário de Educação, foi seu idealizador. A história da faculdade nacional de filosofia, compreende o período entre 1939 e 1968, quando se torna então IFCS, (FAVERO,1990, p. 4). Segundo pesquisa realizada por um grupo de pesquisadores com um projeto de memória a criação da FNFi foi parte de um projeto autoritário, como também pode ser entendido como um fato histórico<sup>2</sup>

A UDF foi criada no contexto da Revolução de 1930. A UDF caracterizou-se por sua proposta inovadora e pelo fato de não possuir as três faculdades tradicionais - Direito, Engenharia e Medicina - e sim uma Faculdade de Educação, que pela primeira vez adotou o magistério de formação específica de nível superior. “Entretanto, essa proposta universitária colidiu com os propósitos do governo federal, e em 1939 a UDF foi fechada e incorporada à Universidade do Brasil. “Apesar de se configurar como uma experiência inovadora a UDF durou quatro anos” (CORTES 2009, p.13) A FNFi, foi criada, após a extinção da UDF (FÁVERO p. 38) a FNFi, foi organizada, e compreendia cursos: filosofia, ciências e letras. A primeira instalação foi na antiga escola José de Alencar no Largo de Machado, ate 1942, quando parte dos cursos foram transferidos para a avenida Antonio Carlos nº 40 na Esplanada dos Castelos.

---

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa (arquivo PROEDES)

Figura 1. Antiga Faculdade Nacional de Filosofia, Av Antonio Carlos. Acervo Proedes



Fonte: A autora

No primeiro ano a faculdade não tinha uma biblioteca estruturada: segundo descreve o então diretor da FNFI, Otto Maria Carpeaux em carta enviada ao ministro. (FÁVERO, 1996 p 41.). Segundo a carta, o diretor dizia que a faculdade não tinha um grande acervo de livros o que dificultava as pesquisas<sup>3</sup>. A serie memória criada em comemoração aos 50 anos da faculdade, procurou pesquisar e conhecer os fatos que contribuíram para sua criação até sua fragmentação, Segundo Ferreira, (2013, p. 8) no período de 1966-1968, a FNFI se fragmentou em vários institutos que hoje forma a UFRJ, e organizada em seções definidas: Seção de filosofia, seção de ciências, secção de letras e seção de pedagogia e um de didática, além das seções do curso de Matemática, Física, Química, Historia Natural, História e Geografia (FERREIRA, 2013, p.33).

---

<sup>3</sup> Documentação PRODES Serie Memoria. Seminário Comemorativo dos 50 anos da FNFi

Figura 2 Biblioteca Central da FNFI. Fonte PROEDES Pasta 231



Fonte: A autora

Figura 3 Salão de estudos da antiga biblioteca. Fonte PROEDES



Fonte: A autora

Em 1966 começou o desmonte da FNFI. Com isso a biblioteca também foi separada e o acervo enviado para os outros institutos da atual UFRJ. Vários livros da área das Ciências Sociais foram enviados para faculdade de letras

Em 1968, durante a ditadura militar a FNFI é extinta, sendo unificada com outras faculdades, com 10 institutos vindos da origem da FNFI, um deles -o que nos interessa, o IFCS. Nesse contexto político, insere-se a reforma universitária cujo foco era a política

universitária com transformações na educação e novos investimentos: “a educação exigia uma reformulação dos objetivos e uma reestruturação pedagógica para se ajustar ao processo histórico do País”. (FERREIRA, 2006, p.56). Segundo Fávero, para FNFI, como para as instituições universitárias em geral, “o período de maior agonia, está entre o fim de 1968 – decretação do AI-5 e depois em 1969 com o decreto 477, de triste memória, momentos de intensificação da caça as bruxas” (FÁVERO, 1990, p.10). Com a reforma universitária, fundou-se o IFCS em 1968, que funcionou até 1969 na rua Marquês de Olinda, e posteriormente transferido para o atual prédio que fica no largo de São Francisco cuja mudança se deu com a decretação do A1-5. O novo instituto, segundo pesquisa, se beneficiou com a incorporação, do antigo FNFI, da biblioteca e de um centro de pesquisa.

O IFCS guarda muitas histórias. O ano de 1969 é marcado como o ano de maior impacto do governo militar. No 3º andar do instituto há murais contando a cronologia histórica do instituto, um desses murais está escrito: O IFCS é filho da censura. A ditadura sabia que ali, naquele lugar, havia um dos maiores focos de resistência contra o regime autoritário. O prédio muitas vezes serviu de refúgio para esconder estudantes fugidos da policia, e que os militares colocavam agentes dentro da faculdade para espionarem alunos e professores. Com a instauração do AI-5, muitos professores foram aposentados compulsoriamente e muitos obrigados a sair do País, entre eles: Professora Eulália Lobo, Marina São Paulo de Vasconcellos.... De acordo com um dossiê, o IFCS funcionava como uma célula comunista. De acordo com Ferreira (2007, online) o Instituto enfrentaria muitos anos de perseguição e denúncias.

O Instituto era visto como local de subversivos e tinha na figura do Chefe do departamento de Historia Eremildo Viana seu maior algoz. “O professor Eremildo, conhecido como Sr. do IFCS, denunciava e perseguia professores. ” De acordo com os relatórios dos órgãos de segurança, fica evidenciada a importância ganha por Eremildo Viana e o reconhecimento do regime aos seus serviços prestados no combate das atividades ditas comunistas. (FERREIRA, 2007, p.8) Eremildo Viana atuava como testemunha contra professores e alunos, usando recursos de poder. Um dos cursos mais atingido e por consequência visada era o curso de historia. Com a cassação de vários professores, o Instituto contratou, novos professores, muitos desses professores relatam um clima de opressão e muitas de livros de autores caçados.

Em depoimento para Profª Marieta Ferreira, a Profª Miridam Falci conta um desses episódios de censura a livros:

Um dia, mencionei *O processo civilizatório*, do Darcy Ribeiro, e *Formação econômica da América Latina*, de Celso Furtado. São dois livros extraordinários, e que eu adoro. Escrevi os títulos e o nome dos autores no quadro-negro, e disse aos alunos que estudassem o primeiro capítulo de um e de outro, porque eu ia fazer o confronto entre o antropólogo, pensando como é a América (...) e o historiador econômico, (...) Resumindo, um debate: Darcy Ribeiro *versus* Celso Furtado. Mal concluíra a proposta, uma aluna levantou-se e veio a mim avisar que dois agentes do Dops estavam sentados no fundo da sala. Eu já ouvira comentários sobre policiais infiltrados, mas estes, vestindo ternos pretos, um deles carregando uma pasta, faziam questão de ostentar a sua presença. Sua tarefa era assistir à minha aula. (...) Uma semana depois, fui chamada ao gabinete do Eremildo (...) me advertiu de que o AI-5 proibia portar, difundir e até mesmo falar a respeito da obra de autores cassados.

O Instituto foi fechado por duas vezes, em 1968 durante 6 meses em 1976 por 3 meses com a suspensão de vários alunos, que se organizavam o movimento estudantil, cerceado durante vigência do AI-5. O IFCS é realmente filho da censura, e não foi por acaso, quando da fragmentação da FNFI, os cursos de: história, filosofia, ciências sociais e antropologia terem ficado separados dos demais institutos e um local fora do campus da Universidade Federal de Rio de Janeiro. As mudanças de trajetórias do IFCS fazem parte da uma história de: censuras, autoritarismo, dentro de um contexto político social muito intenso naqueles tempos sombrios, sobretudo pelo cerceamento das informações.

A restauração das universidades federais, a interferência no sistema de repressão estudantil e a proibição de qualquer tipo de manifestação políticas foram impostas por um numero de leis e de decretos nos anos em que os militares estiveram a frente do governo federal” (1964-1985) (mural de cronologia do IFCS)

Até chegar ao que é hoje, o IFCS-IH percorreu vários caminhos, sempre em concomitância com acontecimentos políticos que o país atravessou, e que hoje são histórias. As universidades, mais que qualquer outro lugar, são espaços que acompanham todo processo de um País, seja no campo da educação até no campo político. A história do IFCS produz a construção da memória que ficou ali marcado por toda vida, essa memória é permanente.



### 3.2 A BIBLIOTECA MARINA SÃO PAULO DE VASCONCELLOS

A Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências sociais (IFCS) e do Instituto de história (IH) da UFRJ, foi criada em 1960, sendo um somatório de diversas outras bibliotecas: Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi); Letras e Ciências Sociais.

O Instituto de Filosofia e Ciências Sociais funciona em prédio histórico situado no Largo de São Francisco de Paula, no centro do Rio de Janeiro. O projeto original previa a construção da Sé do Rio de Janeiro. O prédio, contudo, abrigou a Academia Real Militar, a Escola Politécnica e, depois, a Escola Nacional de Engenharia. Com o desmembramento Faculdade Nacional de Filosofia, da antiga Universidade do Brasil, o IFCS funcionou de 1967 a 1969 em casa da Rua Marquês de Olinda no bairro de Botafogo. Foi transferido para o atual prédio do Largo de São Francisco de Paula em finais 1969, devido às mudanças políticas que resultaram do AI-5.

A Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos, localizada no IFCS, é peça chave para as atividades docentes e de pesquisa. Seu acervo conta com 128 mil publicações ente livros, fascículos de periódicos, teses e monografias. Tem como especialização do acervo: História, Filosofia, Ciências Sociais e Relações Internacionais. O acervo possui 66000 volumes disponíveis. A maior biblioteca do centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, originária da antiga FNFi (Faculdade Nacional de Filosofia). Em sua herança possui principalmente obras de Filosofia Clássica e de História Antiga e Medieval. Possui também preciosas obras de Antropologia, por iniciativa de Arthur Ramos, ainda possui manuscritos originais de Victor Nunes Leal, catedrático de Ciência Política da FNFi, e um dos fundadores do ICS (Instituto de Ciências Sociais).

O acervo é dividido em publicações (livros e obras diversas), e coleções (jornais e revistas). A pesquisa pode ser feita analiticamente, por *compact disc*, fitas de vídeo, folhetos, livros, monografias de alunos, obras de referências, obras raras e teses. A biblioteca possui somente uma seção, devida a divisão das bibliotecas que se encontram espalhadas pelos diversos campus da UFRJ. (INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS..., 2016)

Figura.4 . Professora Marina Delamare São Paulo de Vasconcelos – Fonte: Arquivo IFCS



Fonte: A autora

A Biblioteca tem o nome da Professora Marina de São Paulo de Vasconcelos, primeira mulher a integrar o corpo docente do curso de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi/UB) e a única mulher a exercer neste uma cátedra. Seu acervo particular foi incorporado à Biblioteca através doação pela direção do IFCS.

Figura 5 Salão de leitura da atual biblioteca.



Fonte: <http://biblioteca-ifcs.webnode.com>

Marina era antropóloga, socióloga e professora de letras. Foi pioneira, como mulher assumiu uma cátedra universitária na Faculdade Nacional de Filosofia – FNFi. Participou da

construção da Universidade do Brasil. Marina foi nomeada, em 25 de novembro de 1950, professora catedrática interina, sendo o decreto assinado pelo reitor Deolindo Couto (doc s.n., pasta Marina de Vasconcellos, arquivo IFCS/UFRJ). Uma nova etapa na sua carreira iniciava-se: era a primeira mulher catedrática no curso de ciências sociais e umas das primeiras da FNFfi.

Em 3 de janeiro de 1968 Marina foi eleita, por aclamação dos colegas da Congregação, a primeira representante do corpo docente do IFCS no conselho universitário. Em 2 de fevereiro era indicada, em substituição a Djacir Menezes, para a direção *pro tempore* do Instituto.

Marina teve um papel primordial durante a ditadura militar, não era filiada a nenhum partido. À frente da FNFfi como diretora desempenhou seu papel com muita postura e dedicação, mesmo dentro dos acontecimentos vividos naquela época. Segundo Ribeiro (2008) Marina era vista como uma figura acima das ideologias, não fazia manifestações contra a ditadura, porém era figura chave na defesa de professores e alunos. Segundo depoimento de Gilberto Velho:

Marina era uma mulher que se impunha. A Marina fazia as coisas com muita responsabilidade. Nesse ponto, era até um pouco constrangedor, eu te confesso, o assistente dar aula e ela ficar, às vezes de pé, às vezes sentada, na sala. Eu não olhava aquilo como vigilância; eu olhava como responsabilidade que ela entendia ter, por aquele curso ser bem dado. (RIBEIRO, 2008, p. 236)

Os tempos eram sombrios e a defesa das universidades como instituição democrática era prioridade naqueles tempos. Existia um confronto entre a direção dos departamentos e o regime ditatorial. “Marina lutou para garantir o funcionamento dos cursos e minimizar os acontecimentos entre alunos e professores” (RIBEIRO, 2008, p. 238). Além de administrar os confrontos entre alunos e professores, que eram a favor do regime, como também enfrentar processos desses professores, envolvida em vários episódios Marina iria constar na ficha do DOPS (Departamento de ordem Política e Social). Muitas vezes fora denunciada por professores e obrigada a presta depoimento. Segundo depoimento de Maria Stella Amorim,

A Marina foi uma das pessoas que enfrentou o estado de força da ditadura. Ela se recusou a expulsar alunos por ordem da comissão de segurança do MEC. Isso A tornava uma pessoa excepcional. (RIBEIRO, 2008, p. 238).

A professora Marina era uma pessoa exemplar e defensora do Instituto de Filosofia e ciências sociais, por muitas vezes não permitia a entrada da polícia para buscar alunos; ela

olhava para os estudantes, muito deles envolvidos na luta pela repressão. Marina enfrentava ameaças de invasão ao instituto pela polícia da ditadura militar

No dia 13 de dezembro de 1968 era instaurado o AI-5, nesse momento tornou-se difícil qualquer defesa da autonomia universitária. Segundo escreve Ribeiro (2008), Marina sabia que nada, nem mesmo o reitor iria protegê-la. No dia 12 de fevereiro, Marina foi dispensada do cargo de diretora, reuniu pela última vez a congregação para despedida.

No dia 28 de abril Marina tinha seu nome publicado no diário oficial da união como professora cassada pelo AI-5, e, expulsa da universidade. Marina foi presa juntamente com outros professores, mesmo sem ter qualquer ligação o movimento de esquerda. Cassada pelo AI-5, foi levada presa pela polícia militar, levada para o presídio feminino São Judas Tadeu.

Marina São Paulo de Vasconcelos, faleceu no dia 12 de fevereiro no Hospital dos Servidores Públicos.

### **3.2.1 A Biblioteca enclausurada**

Com a decretação do AI-5 no dia 13 de dezembro de 1968 e o uso do decreto 477, tal ato punia professores e alunos acusados de subversivos. O clima na faculdade era de medo e muitas mudanças que de acordo com Ferreira, deixou rastros de destruição e medo (pg. 80) O IFCS é transferido para o Largo de São Francisco, já com vários professores cassado ou aposentados. No caso específico do MEC, as DSIs<sup>4</sup>, coletava informações a partir de seus braços nas universidades e as enviava para os órgãos de repressão do regime. Muitos estudantes e professores foram enquadrados na famigerada Lei 477 mediante as informações dos agentes da ditadura existentes nas faculdades. Nesse contexto o Instituto encontrava-se em uma situação precária, como já dito, com professores aposentados compulsoriamente. Os cursos de história, antropologia e filosofia ficaram enfraquecidos com pouca qualidade, e poucas pesquisas na faculdade.

Através de entrevistas dadas por alguns professores e arquivada no CPDOC, podemos verificar como ficou a situação da biblioteca na época da vigência do AI-5. Em entrevista concedida a Ronaldo Vainfas e Ângela de Castro, a professora Eulália Maria Lahmeyer Lobo<sup>5</sup>, fala em seu depoimento como ficou a biblioteca naquela época: “o obscurantismo foi

---

<sup>4</sup> A Divisão de Segurança e Informações (DSI) do Ministério da Educação, era uma espécie de subseção do SNI que existia em todos os ministérios. A DSI produzia “informes” sobre todo tipo de questão que preocupava a Ditadura Militar e, por isso, o acervo abrange muitos assuntos.

<sup>5</sup> Eulália Maria Lahmeyer Lobo foi uma historiadora brasileira, primeira mulher a doutorar-se em história no Brasil.

tal, que a **biblioteca** foi **fechada!** ” (VAINFAS; COSTA 1996, pg. 94. grifo nosso), No seu depoimento, Eulália Lobo relata que ao voltar do exílio, em 1979 foi lutar para reabri a biblioteca, e, que os livros ficaram em uma câmara escura empacotados. Na entrevista a professora também fala que tal atitude foi um declínio devido ao fechamento da biblioteca e que isso prejudicou a produção de novas pesquisas entre outras coisas pela falta da biblioteca.

A professora Eulália Lobo, afirmou em seu depoimento, que encontrou parte das obras raras da antiga FNFi dentro de uma câmara fotográfica, que ao voltar do exílio com a anistia, fez um esforço para tira-los de lá e com a ajuda dos estudantes colocou a biblioteca para funcionar.

Quando voltei para o IFCS, com a anistia, a primeira coisa que fiz foi lutar pela biblioteca. Abrimos uma câmara escura. no quarto andar, onde estavam os livros empacotados, e trouxemos tudo para fora em carrinhos de mão emprestados da seção de obras do prédio. Hoje a biblioteca está de bom nível. (VAINFAS; CASTRO apud FERREIRA., 2013, p. 257).

Em depoimento dado em ocasião da comemoração dos 50 anos da FNFi, a professora Eulália Lobo, deu o seguinte depoimento<sup>6</sup>:

O instituto de filosofia foi vítima particular da perseguição durante a ditadura. [...] como foi um centro da análise para a Reforma Universitária, tornou-se especialmente visado pelo regime autoritário. ” A queda da produção foi incrível [...] verifiquei a existência de apenas 3 pesquisas em história, durante todo período da ditadura, exatamente 3! [...] a revista acabou, e era uma revista que já tinha circulação internacional.

[...] Nesta ocasião, muitos professores foram expulsos pelo AI-5”. Tinha havido o desmembramento da FNFI, situado na Rua Marques de Olinda. (EULALIA, 1989 p. 27-29)

Outra entrevista que sintetiza bem a situação da biblioteca, foi concedida à professora Marieta de Moraes Ferreira, para produção do seu livro *História como Ofício*, pelo professor Francisco Falcon que relata a situação, de quando o IFCS foi para o Largo de São Francisco. Segundo o professor, os livros da biblioteca foram guardados no porão de forma errada: “Tivemos um prejuízo enorme de livros [...] “Mal eles se mudaram pra lá e choveu e inundou o porão, onde as “inteligências” tinham guardado os livros” (FERREIRA, 2008, p. 308)

A frase dita pela professora Eulália Lobo: “a biblioteca foi enclausurada! Reflete bem a problemática do momento. A Biblioteca é um lugar de memória, e sendo fechada, impedi a

---

<sup>6</sup> Seminário de comemoração dos 50 anos da FNFi – Serié, memória e documentação- Ver documentação PROEDES.

busca pela informação. Segundo Oliveira (p.43) existe uma relação entre a memória e lugares que envolvem essas memórias. Ainda de acordo com Oliveira, nesses lugares ocorrem mudanças que ficaram registradas para vida. O fechamento da biblioteca ocorre em um período de cerceamento da informação pela censura, se foi devido a esse motivo, não sabemos, se foi um fechamento autoritário, imposto pela Ditadura ou por problemas administrativos (o que seria inviável). Difícil imaginar um Instituto universitário com cursos nas áreas de ciências humanas e sociais, funcionar com uma biblioteca fechada. Bibliotecas fomentam pesquisas. Segundo o depoimento da Professora Yvonne Maggie, que foi contratada justamente na época do fechamento da biblioteca, não houve por parte da direção da época, cooperação para o fechamento da biblioteca. Foi a situação do momento e a mudança rápida feita do prédio da rua Marquês da Olinda para o Largo de São Francisco, onde hoje se encontra o IFCS, que fizera com que os livros fossem transportados de qualquer jeito, até em carro da polícia, sendo guardados de qualquer maneira.

### 3.3 O REGIME MILITAR<sup>7</sup>

O regime militar foi instaurado no dia 31 de março de 1964, através de um golpe dado pelos militares que depôs o presidente João Goulart. A primeira medida do Governo Militar foi decretar atos institucionais e baixar a censura nos meios de comunicação, prender e torturar seus adversários e opositores do regime. Proibir partidos de esquerda que passaram a funcionar na clandestinidade, como também fechar agremiações estudantis, sindicatos etc.

O governo utilizava-se do poder militar para afastar seus adversários. As censuras eram severas impostas pelos órgãos de repressão. Os órgãos de repressão eram usados para neutralizar os seus opositores políticos. Existia uma grande preocupação por parte de governo militar em coibir os movimentos de esquerda.

---

<sup>7</sup> Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>

### 3.4 AI-5

O Ato Institucional nº. 5 AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi à expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. O ato teve origem num discurso do deputado federal Marcio Moreira Alves, que convocara a população para boicotar a parada militar do dia 7 de setembro. Na verdade, o discurso do deputado só foi o estopim para o que os militares a muito já planejavam.<sup>8</sup>

O AI-5 (Ato Institucional número 5) foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). É considerado o mais duro golpe na democracia e deu poderes quase absolutos ao regime militar. Redigido pelo ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva, o AI-5 entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do então Presidente Artur da Costa e Silva.<sup>9</sup>

O AI-5 suspendeu as garantias individuais ao permitir que o hábeas corpus perdesse a sua aplicação legal. A partir de então, autoridades militares poderiam prender e coagir os cidadãos de forma arbitrária e violenta. Logo após a publicação do AI-5, vários jornalistas e políticos foram lançados na cadeia. Tempos mais tarde, o presidente Costa e Silva se dirigiu à nação dizendo que tal ato fora necessário para que a corrupção e a subversão fossem combatidas, e a democracia resguardada.

Segundo Gaspari, (2014, p.237) O AI-5 deve como principal característica: o controle da sociedade pelo Estado. “Os mecanismos que permitiu caçar e demitir, serviu para purificar e atemorizar o elenco [...]” (GASPARI 2014, p. 236). Houve um autocontrole, principalmente no quesito informação “A ditadura assumi o controle das chaves dos cárceres e do cofre [...]” (GASPARI, 2014, p. 240).

A partir de então, a ditadura pôde dissolver a Câmara de Deputados e o Senado Federal, cassarem mandatos parlamentares em todos os níveis, demitir, aposentar e cassar os direitos políticos de qualquer cidadão, suspender o hábeas corpus, decretar o estado de sítio e confiscar bens. Além disso, o Poder Judiciário ficava expressamente proibido de apreciar a legalidade de decisões baseadas no Ato. Após o golpe de 1964, outro golpe, a radicalização da ditadura.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>

<sup>9</sup> Fonte: <http://www.suapesquisa.com/ditadura/ai-5.htm>

<sup>10</sup> Fonte: <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/campanha/edicao-do-ai-5/>

Este golpe dentro do golpe fortaleceu e centralizou o poder executivo nas mãos dos militares, intensificando a repressão à resistência contra o regime. Após o AI-5, órgãos de inteligência e repressão militar foram criados, como a Operação Bandeirante (OBAN) subordinada ao exército e financiada por grandes empresários. A OBAN depois passou a se chamar Centro de Operações para a Defesa Interna (CODI) e coordenava o Departamento de Operações Internas (DOI), estrutura conhecida como **DOI-CODI**. Outro organismo de repressão criado foi o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/o-ato-institucional-n-5-ai-5.htm>



## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

No referencial teórico serão apresentados os conceitos de: censura, biblioteca, biblioteca universitária, memória, informação-conhecimento, baseado nas bibliografias de teorias de diversos autores de cada área.

### 4.1 CENSURA

“Censura assim como a violência física e simbólica, fizeram parte dos projetos políticos articulados em diferentes momentos da nossa história” (CARNEIRO, 2002, p. 21).

A Censura sempre esteve presente deste sempre, vários episódios de censura, principalmente a censura literária. A censura está presente em diversos tipos de governos totalitários, seja de qual tipo for o regime adotado. Os grupos políticos em interesses próprios ditam regras que estabelecem valores morais na sociedade. A censura se reveste da legitimidade para pôr uma “ordem social” A censura faz parte da máquina do Estado, usada para garantir os interesses do que estão no poder. Intenção da censura é criar valores na sociedade. Fazer com que a sociedade de uma maneira silenciosa garanta a manutenção dos interesses políticos dos grupos dominantes, é uma parceria entre o Estado e a sociedade que legitima as ações arbitrárias. Segundo Maquiavel: (2005) a censura é a justificativa para garantir a ordem nacional, o poder é preocupação constante para um estado ditatorial.

Sempre se buscou constantemente uma forma de aniquilar o que foi construído ao longo da história de uma civilização, seja através da proibição do uso das informações ou mesmo de forma concreta. “Destruir é assumir o ato simbólico da morte a partir da negação daquilo que é representado” (BAEZ, 2006, p. 26).

A missão da censura é suprimir a memória, ao passo que vai sendo proibido posteriormente. Não se vão ter vestígios dos acontecimentos, por que vai se apagando, se destruindo: idéias, pensamentos, escritas etc. um “memoricídio” (BAEZ, 2006, p. 19).

Ao censurar, o homem destrói, cerceia o conhecimento, principalmente quando se trata de livros, quando há uma censura na literatura que é proibida em uma biblioteca. “O livro dá consistência à memória humana” (BAEZ, 2006 p. 24)

Livro e memória estão interligados, segundo Baez (2006), ainda de acordo com o autor, um livro quando é destruído, ou até mesmo censurado, existe uma exterminação da memória, e, traz uma cultura da destruição.

A biblioteca tem uma grande importância, para preservação da memória para gerações futuras. A censura se constitui um mecanismo de dominação, em todos os campos, sobretudo

quando se fala em informação. "[...] a censura resulta em um jogo de forças entre o poder político o poder abstrato das palavras, das idéias e dos textos escritos" (LEITÃO, 2011, p. 47).

Segundo Leitão, para que a censura seja promovida, sempre haverá um diálogo com a oposição, ou seja é preciso um cenário de forças divergentes para que censura possa atuar.

Foucault (2009) explica o poder como forma de vigilância e determina preceitos para controlar o conhecimento de diversas maneiras e formas.

“Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrearem-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada e terrível materialidade”. (FOUCAULT, 2009. p. 8-9).

Na sua concepção mais profunda, podemos dizer que a censura consegue com ações autoritárias, fazendo uso da intimidação. Colocar um medo profundo, por que o que se espera é que, o não obedecer das ordens, pode-se sofrer o castigo pelas mãos de quem aplica a censura. A censura é o braço forte do Estado, para controlar os pensamentos e ideais. “[...] discutir a questão dos direitos do cidadão, nada mais oportuno do que repensarmos o tema das liberdades políticas sob o prisma da censura e da repressão as idéias” (CARNEIRO, 2002, p.21).

Censurar é está contra tudo o que fere os ideais (principalmente político) de um governo, por isso a proibição de divulgar idéias contrárias que podem ir de encontro o que é imposto por um regime autoritário-ditatorial. A censura tem vários motivos, muitas vezes não justificados, para agir de acordo com o cenário político-social. O controle da informação, ou o controle dos tipos de censura.

A intenção da censura é controlar as idéias para isso ela é investida da ação de um controle fornecido da autoridade oficial do Estado; de acordo com a conjuntura da época, a censura pode ser bem rígida é usar de diversos artifícios para concluir suas ações. Segundo Berg (2002, p.57) “a construção, no nível da consciência coletiva, de uma visão ideal da realidade do País e do caráter nacional [...]”. E se a propaganda forneceu subsídio para a formação desse comportamento ideal do povo, a censura deu o limite ao qual ele ocorreu”.

A censura age em três níveis, assume três formas principais, aplicadas a tudo que é objeto de censura: afirmar que uma coisa não é permitida, impedir que uma coisa seja obtida e negar que uma coisa exista. Essas três formas, uma por vez, definem as manifestações da censura tal como é exercida (CHARBONNEAU, 1985).

Censurar algo é proibir o acesso ao conhecimento, restringir de forma arbitrária a publicação de livros, documentos, obras, que vá de encontro ao regime proferido. A censura é imposta e até mesmo com sanções violentas com a destruição de matérias.

A censura leva em consideração que algo escrito é perigoso e vai de encontro à ideologia imposta - principalmente pelo Estado.

Censura é usada pelo estado ou grupo de poder, no sentido de controlar e impedir a liberdade de expressão. Esta criminaliza certas ações de comunicação, ou até a tentativa de exercer essa comunicação. No sentido moderno, a censura consiste em qualquer tentativa de suprimir informação, opiniões e até formas de expressão, como certas facetas da arte. Pode também ser entendida como a supressão de certos pontos de vista e opiniões divergentes, através da propaganda, manipulação dos média ou contra - informação. (DUTRA, apud ESPAÇO DO MUNDO, 2007.)

A censura está ligada ao cerceamento das informações, principalmente as informações encontradas em livros, e é a biblioteca que promove informações que conseqüentemente gerara conhecimento. A censura faz parte da nossa história, e, é autor principal em épocas de crises políticas. A censura é uma forma de controle da informação é um dos mecanismos utilizados pelo Estado, que cria regras e inibe o pensamento.

Sabe-se que publicações de editoras consideradas de “esquerda” pelo regime militar não eram adquiridas, no período de ditadura. Sabe-se que, mesmo após o término “oficial” da ditadura, pressões governamentais têm sido exercidas sobre bibliotecas para que as mesmas deixem de adquirir determinadas publicações. (VERGUEIRO, 1987 p. 21).

Um esforço por parte de um governo, organização grupo ou indivíduo de evitar que as pessoas leiam, vejam ou ouçam o que pode ser considerado como perigoso ao governo ou prejudicial à moralidade pública (VERGUEIRO, 1987, p. 22)

Lemos, diz em palestra que “essa censura oficiosa”, épocas de maior obscurantismo e caça às feiticeiras, chegou a produzir seu índice particular de livros proibidos.” (LEMOS, 1979, p. 159).

#### 4.1.1 Um general na biblioteca

Coincidência ou não com o tema desse trabalho, recorremos a outro autor que sintetiza tão bem a censura nas bibliotecas, através de um conto e que foi referência, na disciplina de Biblioteca, Informação e Sociedade, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nysia Sá: Um general na biblioteca, narra a história descrita por Ítalo Calvino (2001) de um personagem bibliotecário responsável pela biblioteca Nacional do Estado da Pandúria. A nação e biblioteca imaginadas por Calvino, conta que o governo decidiu o que as pessoas podiam ler, foi formado um grupo de militares para avaliar o acervo da biblioteca e fazer uma lista de livros permitidos.

O general interditou a biblioteca proibindo seu acesso pela população, e quem chegava a porta voltava frustrado, cheio de perguntas, provavelmente a procura de motivos para tanta

proibição. Depois de mapear toda área do saber, determinou que cada tenente devesse ler e produzir um relatório de avaliação.

Com audácia e astúcia de um bibliotecário, Crispino passou a dar aos tenentes, livros de autores que tinham linhas de pensamentos diferentes, o que logo se tornou complexo e confuso. Vendo o problema, o general autorizou os soldados a participarem das leituras e emitirem pareceres. Rapidamente tiveram uma troca de conhecimentos que contradizia os relatórios do governo, relatórios controversos. O governo reagiu. O general e seus soldados foram julgados por insubordinação, e como não havia punição para o caso, os militares voltaram para biblioteca.

Com esse conto, Calvino demonstra complexidade do juízo de valor e a relação da prática da censura. O general não tinha sabedoria para realizar sua prática sensorial, e acaba junto com seus soldados se redendo ao bibliotecário Crispino. Calvino se baseia na realidade dos regimes ditatoriais de censura e repressão, para construir uma obra de ficção.

## 4.2 DITADURA

A ditadura militar no Brasil foi uma forma de governo onde o poder era controlado por militares. Esse tipo de regime foi muito comum na América, especialmente no Brasil, onde durou mais de 20 anos.

A Ditadura, seja ela de que tipo for: fere os princípios e ideais de uma nação, de um povo. Na ditadura não a respeito à divisão dos poderes (executivo legislativo e judiciário). O ditador costuma exercer os três poderes.

Na ditadura não há respeito à divisão dos poderes (executivo legislativo e judiciário). O ditador costuma exercer os três poderes.

A distinção decisiva entre o domínio totalitário, baseado no terror, e as tiranias e ditaduras, impostas pela violência, é que o primeiro volta-se não apenas contra os seus inimigos mas também contra os amigos e correligionários, pois teme todo o poder, até mesmo o poder dos amigos. O clímax do terror é alcançado quando o Estado policial começa a devorar os seus próprios filhos, quando o carrasco de ontem torna-se a vítima de hoje. É este o momento quando o poder desaparece inteiramente (DUARTE, 2000, p. 30)

Ditadura é um regime governamental onde todos os poderes do Estado estão concentrados em um indivíduo, um grupo ou um partido. O ditador não admite oposição a seus atos e ideias possuem poder e autoridade absoluta. É um regime antidemocrático onde não existe a participação da população.

O conceito de ditadura se originou na Roma antiga. Em latim, a palavra era "dictatura". Entretanto, o significado moderno do conceito é completamente diferente da instituição que ele designava na Antiguidade: “A ditadura romana era uma instituição de caráter extraordinário Só era ativada em circunstâncias excepcionais, para fazer frente a situações de emergência, como uma crise interna ou uma guerra”<sup>12</sup>. De qualquer modo, uma comparação entre ditadura antiga e moderna pode ajudar a compreender melhor o sentido que o termo adquiriu nos dias de hoje.

#### 4.3 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Carvalho (1981) conceitua bibliotecas universitárias como bibliotecas de Instituições de Ensino Superior (IES), com a função de atender necessidades de informação da comunidade acadêmica na realização de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Biblioteca universitária compreende a biblioteca de universidades e faculdades. Serve de apoio ao ensino, pesquisa e extensão, através da prestação de serviços aos alunos de graduação, pós-graduação, professores e funcionários da instituição na qual está inserida.

Oliveira (2004) observa que a biblioteca universitária é um dos pontos considerados relevantes na avaliação das Instituições de Ensino Superior, e propõe como aspectos básicos para o planejamento organizacional os seguintes itens: a) Avaliação do futuro ambiente político-econômico; b) Definição da missão; c) Percepção das necessidades dos usuários.

As bibliotecas universitárias fomentam as pesquisas acadêmicas assim como disseminação da informação para gerar conhecimento. Também dão suporte a trabalhos realizados nos cursos de graduação, pós-graduação, mestrados e doutorado.

Na universidade, o maior contato do aluno passa a ser com o professor, que certamente será o maior incentivador na busca e complemento dos seus estudos na biblioteca.

Biblioteca Universitária tem o papel de intervir do processo de ensino aprendizagem da educação superior.

[...] a necessidade de propiciar aos seus usuários a competência necessária par que esses possam usufruir dos benefícios dos recursos informacionais [...] bem como [...] capacitar o estudante de graduação no meio acadêmico tanto no seu caráter formal quando informal, ou seja, dentro ou fora do plano curricular estabelecido. (PASQUARELI, 1996, apud ASSI, 2010. p. 4).

<sup>12</sup> <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/ditadura-a-ditadura-na-roma-antiga-e-nos-dias-atuais.htm>.

De acordo com Miranda, a biblioteca universitária é um fenômeno social, que tem como função a transmissão, entre outras coisas o capital social. Cada instituição de ensino superior -principalmente as universidades públicas, têm suas bibliotecas, e essas devem seguir as características da universidade. Segundo Miranda, deve-se salientar o que universidade pensar em relação à biblioteca.

As bibliotecas universitárias devem prestar serviços à comunidade acadêmica, serviços esses que vão dá suporte as pesquisas universitárias nas suas respectivas áreas. Com a ajuda nas pesquisas e na disseminação da informação, a biblioteca universitária ganhou espaço importante nas instituições de ensino superior.

Segundo Granchi (2015. p. 35) a biblioteca universitária tem uma relação com a produção do conhecimento. Ainda de acordo com Granchi (2015, p. 37) as bibliotecas universitárias devem estar voltadas para sua instituição de ensino. As bibliotecas devem ter uma relação em conjunto com as necessidades dos usuários “o papel da biblioteca dentro do campo universitário é crucial, pois dela também depende a reputação da instituição, sendo peça central reconhecida pelo Ministério da Educação” (GRANCHI, 2015, p. 37).

O objetivo aqui não é falar sobre a estrutura administrativa das bibliotecas universitárias, mas sim dos conceitos que permeiam essa instituição de formação intelectual e produtora do conhecimento e mantenedora desse conhecimento. De acordo com a instituição que a biblioteca está inserida, ela tem suas metas e objetivos a oferecer à comunidade acadêmica de acordo com suas demandas e necessidades.

“As bibliotecas universitárias pré-renascentistas já apontavam pra novas práticas que deram para a biblioteca o caráter de espaço de liberdade e conhecimento.” (MILANESI,2002, p. 26). Assim as bibliotecas universitárias têm um papel muito importante e indispensável para o desenvolvimento intelectual e na produção do conhecimento, como também para novas descobertas.

#### 4.4 INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Informação e conhecimento, dois termos que se encaixam perfeitamente, um é complemento do outro. Os conceitos são próximos: informação é o objeto de estudo e conhecimento pode ser dizer é a produção da informação. A informação se constitui como premissa obrigatória para construção do conhecimento. A informação está em todos os lugares, deste os primórdios da humanidade, através de vários mecanismos a informação faz

parte da sociedade ela é repassada e transformada em conhecimento, para que o homem use esse conhecimento.

Informação é um conceito genérico de tudo que possa representar notícia, conhecimento ou comunicação. Divide-se em informação estruturada, àquela armazenada em nosso banco de dados, informação não estruturada: é armazenada em documentos. (SANTOS 2013, p. 128).

De acordo com Xavier e Costa (2010). A disponibilizarmos informação, estaremos promovendo uma geração de conhecimentos, e, esses conhecimentos gerados ao longo vão produzir mais e mais informações.

Buckland (1991) conceitua informação como algo que deve ser entendido como estar informado, ainda segundo Buckland: informação é um termo que é usado de várias maneiras, e, que têm significados; aqui iremos falar sobre o significado informação como conhecimento.

Informação como conhecimento é intangível: não podemos tocar não se pode mensurar, mas devem ser explícitos de alguma maneira. A informação deve ser disseminada

“A idéia é como um paradigma, um modelo a ser seguido por qualquer informação; quanto mais a informação segue sua definição, mais ela realiza em si a própria essência, isto é, produzir conhecimento” (HEGEL, 1996. p. 128-135.)

Para Nora (1988), o conhecimento é filosófico, que trata de perguntas, tais como: o que é conhecimento, qual a fundamentação teórica do conhecimento, conhecimento é objetivo, seja de que forma ele é construído e, por qual material ele é transportado.

O termo conhecimento tem origem nas ciências sociais, segundo Markus (1974, p. 82) apresentar uma definição de acordo com as ciências sociais.

[...] O objeto do conhecimento não é a natureza que existe em si, independente do homem, mas sim a relação entre o homem dotado de consciência e a resistência externa contraposta à atividade humana [...] O conhecimento, como parte da atividade pratica que organiza a natureza tendo em vista a satisfação das necessidades, é determinado precisamente por essa atividade pratica.

Ao longo da história, a forma de armazenamento e o acesso à informação foram variando ao longo do tempo. Na Idade Média, o principal patrimônio encontrava-se nas bibliotecas dos mosteiros. A partir da Idade Moderna, graças ao nascimento da imprensa, os livros começaram a ser fabricados em série e surgiram os jornais.

Segundo Arruda (2002, p. 117) “Informação é todo e qualquer elemento referencial contido num documento”.

A informação faz parte do nosso cotidiano, é ela que vai dar condições para a construção do conhecimento, a partir de que essa informação é gerada livremente e possa servir de auxílio a pesquisas, estudos e, como informação simples como curiosidade do ser humano.

As Bibliotecas, principalmente as universitárias, não são só lugares de salvaguarda da memória, elas também têm um papel primordial em subsidiar a produção do conhecimento. A biblioteca fomenta conhecimento, através do apoio a estudantes, professores e pesquisadores. Ao longo do tempo houve uma mudança nos paradigmas e conceito sobre bibliotecas; que deixou de ser um lugar depositário, e, passou a ser um lugar onde se constrói o conhecimento, onde se busca informações.

“Em qualquer paisagem social a relação do indivíduo com a informação pode definir seu papel e status em que está integrado” (MILANESI, 2002, p. 34). A informação, segundo Milanesi, passou a ser ampla e ao alcance de muitos para que desejem obter informações para conseguir um desenvolvimento social e intelectual (MILANESI, 2013, p. 55)

#### 4.5 MEMÓRIA

Para Gondar (2005) A memória é criada a partir de uma construção de processos. A memória é a lembrança que temos a memória que se revive através das memórias ou de situações vividas. A busca pelo passado, pelas lembranças nos faz recordar momentos, leva a imaginar mesmo àquilo que não vivemos.

Tempo e espaço, como categorias fundamentalmente contingentes, de percepção histórica enraizada, estão sempre intimamente ligadas entre si de maneira complexas, e a intensidade dos desdobramentos discursos de memória [...] (OLIVEIRA, 2009, p. 23)

##### 4.5.1 Memória e história

A memória e a história têm papéis fundamentais como ferramentas para que possamos buscar nossas memórias, seja ela coletiva ou individual.

E nesse processo, ‘a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar a identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia’. (LE GOFF, 1982, p. 57).



Segundo Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Contudo o filósofo Halbwachs nos diz que: a história começa quando acaba a memória, pois é preciso ter pessoas naquele lugar de memória. (HALBWACHS, 2006. p. 85)

A memória histórica, podemos dizer: é a memória compartilhada por todos os indivíduos, e, que cada um desses indivíduos vai contar a sua maneira, as lembranças vividas. Memória histórica busca contar um determinado período; um acontecimento que ficou marcado, e que foi registrada na história.

A memória é a lembrança de uma pessoa ou grupo, ela precisa de organismo para sobreviver, “Se a história trabalha com rupturas a memória trabalha com continuidade” (OLIVEIRA, 2009, p. 25). Os acontecimentos e as datas que constituem a própria substância da vida do grupo não podem ser para o indivíduo mais do que sinais exteriores, aos quais ele não se relaciona a não ser sob a condição de se afastar de si (HALBWACHS, 2006, p.75).

#### **4.5.2 Memória Coletiva**

A memória está incorporada na sociedade; faz parte do coletivo. Nossas memórias individuais se transformam em memórias coletivas.

Analisar o passado de forma coletiva atrás de elementos que nos leve a reconstruir nossas memórias. A memória se forma no tempo e no espaço, onde é revelado os acontecimentos.

Podemos, portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidades individual e coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante na consolidação de sentimentos de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo[...] (POLLAK, 1992, p.204)

A interpretação do conceito memória coletiva por Halbwachs esta ancorada na reconstrução de um processo ou uma construção social, que são objetos do passado, de cada grupo (2006, p. 33) A memória é coletiva se pertencer a um grupo. A história faz um estudo através da oralidade, que é constituída por lembranças não individual, mas sim de grupos.

A Memória Coletiva, segundo Halbwachs, é na verdade feita também de descontinuidades, mas só que descontinuidades discretas facilmente disfarçáveis em continuidade. Desse modo, ela assegura a sensação humana e social de unidade, e permite que se achessem mesmo os períodos históricos mais transformadores.

### 4.5.3 Memória Política

Pode ser dizer que o conceito de memória política, faz parte de um determinado contexto histórico, podemos definir também dentro do conceito de memória coletiva. No entanto esse trabalho tem como proposta mostrar uma memória política de uma determinada época, junto com as memórias pessoais. Segundo a professora Ferreira (2002) existe uma relação entre o passado e presente na história, e o rompimento com a ideia que identifica o objeto histórico e passado. De acordo com Maurice Halbwachs, a memória envolve uma relação entre a repetição e rememoração. Valoriza a história como representatividade da memória social e saber compreender as ações que envolve essa história no campo política e social. A história faz uma recordação das memórias passadas faz uma análise crítica dos acontecimentos passados. A memória é uma construção de um passado, que é relacionado com as emoções vividas aonde as lembranças afloram de acordo com as experiências do passado

Essa memória política-história faz parte de uma memória assistida e sentida em um período de repressão e autoritarismo, que deve sua maior arbitrariedade com a instauração do AI-5 em 13 de dezembro de 1968, a partir desse episódio, iremos construir uma memória política. O panorama que faz a relação entre memória e história abriu caminho para uma aceitação das memórias direitas dos testemunhos

O governo brasileiro, temendo os movimentos de esquerda inseriu o “golpe dentro do golpe” por meio do Ato Institucional nº 5 (o AI-5 de 13 de dezembro de 1968), dando início ao período que ficou conhecido como “os anos de chumbo” (VENTURA, 1988).

A construção dessa memória se dá a partir de narrativas feitas por pessoas que vivenciaram aquela época. Segundo um estudo, realizado por um grupo de psicólogos em uma pesquisa financiada pelo CNPq, que investiga o cenário das ações sócio políticas e vai buscar nas memórias pessoais e comuns para construção de uma memória histórica: a memória nacional da ditadura militar.

Segundo a pesquisa, trabalhos dessa natureza, realizados a partir de uma perspectiva psicossocial, denotam a “importante articulação entre história e memória para a compreensão dos fatos históricos de uma época, bem como dos processos e das circunstâncias segundo os quais as memórias sociais são construídas, reconstruídas e atualizadas” (SÁ, 2005, 2007). Tratam-se então, de investigações inseridas no campo da memória histórica, compreendida.

Na tese de Doutorado de Soraia Ansara (2005), com o título: *Memória Política da Ditadura Militar e Repressão no Brasil: uma abordagem Psicopolítica*, a autora desenvolveu o conceito de memória política, fazendo uma análise e investigando os processos psicopolíticos. A pesquisa da autora foi construída como marco referencial teórico-metodológico sobre memória política da repressão da ditadura.

De acordo com Ansara (2005), toda memória política é coletiva, e traz uma motivação para analisar os comportamentos políticos da sociedade. Segundo a autora a reconstrução da memória política, significa compreender a memória de resistência e de luta política, que se constitui numa luta contra o esquecimento, que requer indiscutivelmente a participação popular e que fará emergir versões antagônicas à história oficial.

A memória política envolve diversos processos em construção, refere-se às políticas de verdade e justiça de um passado em que a sociedade vai interpretar essa memória. Essa memória vem da força dos grupos em não deixar os acontecimentos políticos se apagarem e fazer um ajuste de contas com o passado.

O dever de justiça está relacionado a memória, a partir da recordação das vítimas, se faz uma análise de cada vivência durante o regime autoritário. Essas memórias são de grande importância, pois dá um aparato para investigações dos crimes políticos durante o regime de execução da ditadura militar no Brasil e com isso processa e punir os que cometeram esses crimes

Muitas dessas memórias políticas estão registradas na parte da “verdade da repressão” que permite uma parte do acesso à verdade – está registrada em documentos oficiais do regime militar já disponíveis no site “Memórias Reveladas”, documentos estes eivados de uma linguagem ideológica e, por evidência, de registros que desconstruem os fatos, e, simulam versões justificadoras dos atos de violações generalizadas aos direitos humanos. Essas memórias são construídas pelo ponto de vista dos perseguidos políticos.

## 5. ENTREVISTA – UMA ANÁLISE DO DEPOIMENTO DA PROFESSORA YVONNE MAGGIE

Nesse capítulo será apresentado o perfil da entrevistada e a análise das perguntas feitas para a coleta de dados, a justificativa e como fora feita a abordagem, quando possível faremos uma relação com os autores que fundamentam este trabalho. A entrevista será anexada ao trabalho, e também o roteiro de perguntas realizadas.

Ao final, faremos uma reflexão sobre as relações entre memória na narrativa da entrevistada, observando aspectos do cerceamento da informação na Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos durante o período.

Professora Emérita, titular e aposentada do departamento de antropologia e ciências sociais da UFRJ. Começou a lecionar no Instituto de Filosofia e Ciências sociais em 1969, tendo sido contratada como professora substituta para ocupar lugar dos professores expulsos da universidade pelo A1-5 ou aposentados compulsoriamente. A professora Yvonne Maggie, foi diretora do IFCS no período de 1994 a 1997.

A primeira questão feita à professora Yvonne, tratou da sua formação acadêmica e suas experiências políticas no decorrer do processo de decretação do A1-5, e, como foi sua entrada na universidade no lugar dos professores expurgados pelo regime militar.

*Eu me formei em ciências sociais em 1968, Dezembro de 68, que foi exatamente 1 mês do segundo golpe militar. É... Fiz toda minha carreira estudantil, até 1964 na época do desenvolvimentismo. Em 64, eu tava no ultimo ano do ensino médio - antigo clássico. E, 1965 eu entrei na faculdade, e, fiz as ciências sociais portando em 1965 até 1968, em plena ditadura militar, e o Instituto de Ciências Sociais – antigo instituto de ciências Sociais, depois virou instituto de filosofia e ciências sociais.*

De acordo com Patto, abordado na introdução desse trabalho, houve um impacto nas universidades causado pelo regime militar que atingiu - sobretudo o corpo docente da academia. Mudanças na estrutura da universidade trouxeram vários problemas principalmente no que se refere à questão do acesso a informação, e, o uso de livros proibidos.

A professora relata como era convivência na universidade em tempo de ditadura, e como foi sua entrada no lugar dos professores expurgados:

*Quando eu comecei a dar aula em um momento muito DURO [com ênfase] porque muitos dos meus colegas acharam que a gente não devia –era um grupo né de 5*

*peessoas que foram contratos, naquela época, sem concurso, por indicação, naquela época nem tinha concurso, e aí muitos colegas nos criticaram que estávamos tomando o lugar do cassados*

Yvonne lembra de vários episódios principalmente da mudança para o Largo de São Francisco, onde ela conta que os livros da então biblioteca foram trazidos de qualquer maneira até em camburão da policia. Fica caracterizada de acordo com a reposta a falta de preocupação com a Biblioteca:

*[...]e quando nos mudamos pra cá foi também um coisa muito triste, nos viemos e a biblioteca do instituto de ciências sociais era uma biblioteca excelente de ciências políticas, toda biblioteca de ciências humanas da universidade do Brasil tinha o acervo lá no instituto de ciências socais, era uma grande BIBLIOTECA [com enfase] colocaram tudo me caminhão de lixo, trouxeram pra cá (IFCS) ate de camburão com soldados, colocaram numa sala lá no segundo andar e ficaram todos jogados*

Um depoimento que sintetiza bem o momento de puro cerceamento da informação e a importância que tem uma biblioteca universitária. De acordo com o depoimento acima citado, podemos analisar que não existiu uma dinâmica, uma pró atividade para colocar a biblioteca para funcionar, já que havia sido desmontada na mudança para Largo de São Francisco.

De acordo com a professora Yvonne, os tempos eram difíceis, professores cassados, presos e aposentados contra a vontade, havia uma censura muito forte principalmente em sala de aula. Na entrevista a professora conta que seus melhores professores foram cassados e que o instituto ficara bastante visado. “Era um lugar muito visado. Em 68 os meus melhores Professores foram cassados; ... “Mas eu havia sido indicada para professora, pela Dona Marina São Paulo de Vasconcelos, que dá nome a biblioteca” Segundo Yvonne a convivência na universidade era complicada, ela relata que fez sua graduação nesse período conturbado, e com os professores que depois foram cassado pelo A1-5, em um momento bastante ruim para a universidade.

*Então eu fiz Ciências Sociais nessa época conturbada, mas ainda com grande parte dos professores dando aula: Eulália Lobo, Maria Yeda Linhares, Evaristo de Moraes, Marina São Paulo de Vasconcelos na antropologia; enfim... e tive um formação em ciências sociais razoável. Em 68 quando eu entrei –quando eu terminei a faculdade, é. o Museu Nacional tava abrindo o curso [pensou um pouco pra falar] de mestrado, foi o primeiro curso de mestrado em ciências sociais no*

*Brasil, nos moldes modernos, que havia o curso de doutorado na USP, em algumas outras universidades também, e era um curso no estilo antigo, você fazia duas teses, um negócio mais complexo*

As perguntas formuladas diretamente à professora tiveram a intenção de indagar principalmente no que se refere à censura da informação, que segundo Carneiro e Maquiavel citado na seção 4.1 fez parte dos projetos em diferentes estágios da história e também a justificativa para a garantia da ordem. Como esse trabalho aborda a censura em uma biblioteca; às questões foram sempre voltadas para que a entrevistada falasse sobre a proibição de livros utilizados em sala de aula.

*... como eu era professora de antropologia não tinha muito esse problema né, que eu dava aula de antropologia então era menos identificado como uma coisa comunista, né, mas havia uma pressão muito grande: sobretudo na sociologia e nas ciências políticas. Eu lembro muito bem de uma situação em que eu fiquei apavorada, em que a minha.. uma das minhas colegas exatamente estava no mimeógrafo, mimeografou um texto de **Marta Harnecke**. A Marta, era uma marxista didática. um manual era assim, pessoas decoravam. Eu nunca dei isso, porque a antropologia que eu aprendi no museu, que eu dava. era uma antropologia, mais voltada para analisar processos concretos, eu tinha outras influências. Mas aquele dia foi muito apavorante porque, eh, tava lá no mimeógrafo e de repente eu falei pra minha colega: -gente!! isso vai dar um problema, eh, porque eles vão atrás da gente e tal, porque eu pedi por favor, porque o cara do mimeógrafo, nós suspeitávamos que era dedo duro, -não sei se era ou não era.*

Solicitamos que Yvonne contasse como se deu todo o processo político e censura com a implantação do A1-5. Gaspari (2002, p.237) define o A1-5 como controle do Estado na sociedade, com mecanismo que permitia cassar, e demitir. A resposta da professora para a pergunta é contundente e entusiasmada e com lembranças nítidas sobre os acontecimentos decorrentes da época.

*Naquela época o A1-5[respiração profunda] a ditadura militar, assim se tornou mais violenta, mas rígida, a gente dava aula, então paralelamente a isso – quem talvez não tenha vivido, visto as coisas da época; a gente tinha uma rigidez, não podia falar dos assuntos, não podia se reunir em grupos não podia...*

A resposta também faz referência ao Professor Eremildo Vianna, como principal considera o período da ditadura somente como anos de chumbo, pois houvera mudanças de comportamentos:

*[...] porque se ao mesmo tempo você tinha a repressão de um lado da política o cotidiano da vida era por outro lado foram os anos da minha juventude, em que a gente –principalmente as meninas começaram a ter uma vida muito mais livre, tinha a pílula, não tinha aids, e tinha penicilina, então se podia transar, e, foi uma liberdade que a geração anterior a minha não teve...”*

A parte 4 da entrevista aborda a mudança do IFCS para o Largo de São Francisco onde hoje se encontra o Instituto, e o que aconteceu com essa mudança e o fechamento da biblioteca. Dentro da pergunta é citado o depoimento da Professora Eulália Lobo<sup>13</sup> que fala sobre o absurdo que foi o fechamento da biblioteca. A resposta a essa questão é bastante importante porque relata o obscurantismo do fechamento da biblioteca, durante o A1-5, porém não existe uma resposta concreta sobre o motivo que ocasionou esse fechamento. A biblioteca ficou muito tempo fechada, o que vem na memória da professora são relatos de um tempo de muita indignação.

*[...] eu vi isso! eu vi,ninguém me contou isso, em 69 eu vi, entraram com aquele carinhos de mão, viraram os livros, então ficou numa sala do no segundo andar totalmente, e.. nem empilhados, eram montanhas de livros (pausa) montanhas de livros, entendeu? Eh, eu te digo foi um susto, uma tristeza ver aqueles livros ali jogados.*

A memória que vem desses momentos em que a professora fala, é uma memória também coletiva; pois além dela outras pessoas vivenciaram tais coisas. No referencial teórico, Halbwachs conceitua memória coletiva, como sendo a reconstrução de um processo de cada grupo. Além do uso da professora de uma memória política; uma memória histórica, de episódios e acontecimentos. Essa memória é exclusiva por quem a viveu. Vimos nesse trabalho que as memórias políticas e históricas fazem parte de uma memória assistida, são sentidas justamente em um período de repressão, de medo.

Ao ser perguntada sobre possível envolvimento do Professor Eremildo Viana no fechamento da biblioteca durante a mudança para o Largo de São Francisco em 1969, a

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Eulália Maria Lahmeyer Lobo. Entrevista I [set.1992]. Entrevistadores: Ronaldo Vainfas, Ângela de Castro Gomes. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992. Id 2010, p 93.

resposta foi negativa. Todavia o Emerildo -como a própria entrevistada afirma, foi uma espécie de dedo duro, e desde o golpe militar ele provocou situações com professores, perseguia e delatava professores e alunos. Se o Emerildo não ajudou no fechamento da biblioteca, ele também não interveio para sua abertura. Segundo Yvonne, existia um conflito entre o Emerildo e vários professores, principalmente com a Professora Eulália lobo, que em seu depoimento<sup>14</sup> fala do fechamento da biblioteca e do enfraquecimento do IFCS.

A situação da biblioteca fechada, segundo Yvonne, prejudicou bastante os cursos, não existiam pesquisas. As bibliotecas como já citado na seção de biblioteca universitária, segundo Oliveira, fomentam as pesquisas acadêmicas. Ao relatar sobre o fechamento da biblioteca, Yvonne conta que foram utilizados outros meios para uso dos livros nos cursos, como a troca de livros entre alunos e professores, e também o uso do mimeografo, o que implicou numa serie de problemas, devido terem na universidade espiões implantados em vários lugares.

*A gente tinha o sistema que era de empréstimo, professores tinham que comprar os livros e emprestava os livros para os alunos, tanto assim que a minha biblioteca é toda furada, entendeu? Porque a gente ia e levava os livros e circulava os livros. Aí começou uma coisa que era naquela época no inicio dos anos 70 o mimeografo que a gente mimeografava muitos textos e depois com a entrada da xérox virou a biblioteca de babel. ”*

Seguindo a linha sobre as implicações do fechamento da biblioteca, ainda existia também o problema dos professores citarem autores proibidos pelo governo militar. Ao ser perguntado sobre se havia cerceamento da informação, é bem clara e objetiva resposta. As proibições de títulos vistos como subversivos, e o medo de alguns professores serem pegos mostra a falta de liberdade acadêmica naqueles tempos. Chegando ao ponto como a professora Yvonne relata de livros serem jogados no mar. A repressão não chegava a verificar o acervo das bibliotecas, ou jogarem fora os livros, contudo a proibição de utilizar autores cassados já era uma forma de coagir professores e alunos.

*Enfim, a repressão era sofisticada até certo ponto, entendeu? mas não chegava a entrar nas estantes da biblioteca jogar fora os livros, mas tinha os livros de marxismos, continuavam tendo, entendeu, mais ate que hoje, que hoje eu acho que*

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Eulália Maria Lahmeyer Lobo. Entrevista I [set.1992]. Entrevistadores: Ronaldo Vainfas, Ângela de Castro Gomes. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992. Id 2010, p 94



*as ciências sociais estão mais afastadas ate dessa... dessa tradição mais leninista né, mas na outra tinha (biblioteca) muitos. Agora eu lembro em 68 uma cena ate com a professora Eulália, - não sei se posso dizer, mas ela tá morta, que era muito nossa amiga, e , no... ela foi cassada, e no dia anterior... não sei se foi 64 ou 68, não estou me lembrando direito, eu só sei que nos fomos no meu carro, um fusca colocamos os livros dela todos de marxismo que ela tava aula de Lênin, Marx, Fidel castro, Mao se tung, Colocamos numa mala e jogamos no mar, Lá em são Conrado, porque ela com razão tinha medo, que a policia eh entrando na casa dela, ter um argumento, ne e ela, ela dava aula disso de América latina, então tinha muitas coisas de América latina nesse sentido assim. Mas a policia entrava e pegava assim por exemplo: o livros do [Intelegível?] que era vermelho, preto sei lá, que não tinha nada a ver, era um romance.*

As ultimas perguntas são referentes a reabertura da biblioteca com a volta da professora Eulália do exílio em 1979, e sua luta para montar a biblioteca, como já mencionado na subseção a biblioteca enclausurada, muitos livros foram perdidos pois foram armazenados de fora errada

*.Eu Não tenho a data certa, mas eu tenho quase certeza que foi em 79, no final de 79, mas sabe onde você pode ver: nas atas da biblioteca, você pode ver se foi 79, 80, isso eu posso ver pra você, eu posso até pedir pra alguém pra; pra catar lá a ata, que deu o nome Marina São Paulo de Vasconcelos, pra gente instituir a data, isso é uma boa idéia, vou até colocar aqui.*

A importância da biblioteca a partir daquele momento, e também fica bem nítida o valor do nome dado a biblioteca da professora Marina, como sendo uma justa homenagem a professora que foi uma das vitimas da crueldade da ditadura civil militar.

*Marina foi cassada junto com a Eulália, e as duas foram presas também, Marina foi presa duas vezes. Eulália como tinha eh mais instrumentos, ela foi logo convidada para os Estados Unidos, então ela saiu, e a dona, Marina não, então ela foi presa duas vezes, logo depois faleceu – em 73 ne? Yvonne –é. Então eh, dona Marina, foi um perda assim enorme e a Eulália propôs isso na congregação por aclamação.*

As perguntas finais foram deixadas para um relato pessoal da professora sobre a biblioteca, É relevante lembrar que alem da professora ter vivenciado todo um período de violência, ter sido testemunha ocular de vários episódios envolvendo professores: expulsos, presos e até mesmo mortos, também foi diretora do instituto e durante sua gestão reformou a biblioteca que hoje faz parte do SIBI, nas suas palavras fora uma das primeiras bibliotecas a

ser informatizadas e com acesso aberto que até então não tinha. Então o depoimento da professora Yvonne foi muito produtivo. Um encontro entre o passado e presente.

*Essa biblioteca, quando eu fui diretora, e resolvi então subi o conceito da bibliotecária chefe, depois nome diretora mesmo era Heloisa. E a Heloisa... decidimos fazer a biblioteca de livre acesso, eu arranjei milhares de dinheiro pra fazer a obra, a gente conseguiu transferir a biblioteca que era no segundo andar que tinha um funcionário que pegava da [...] o livro na estante voltava, pegava o livro na estante voltava. [...] então eu decidi mesmo fazer isso com essa biblioteca, e fizemos a obra, E.. E o intuito disso tudo, eu acho... a coisa por mais que eu tenha sofrido –ate pessoalmente, porque essa biblioteca passou por uma fiscalização do TCU, e enfim então até hoje é objeto de.. eu sou objeto, eu e outras pessoas com se diz de processo administrativo. eles não entenderam a obra, nunca vieram aqui, tudo isso aqui em baixo que você tá vendo, aquela coisa linda, todas essas portas eram quebradas, são madeira de lei, são de 3m de altura, foi uma obra que eu fiz assim diariamente, Helô tem o depoimento dela, nos duas ficávamos aqui das 7 da manhã as 8 da noite, fazendo, fazendo, e. transformamos a biblioteca, que tinha 3 sistemas de classificação, em um sistema único, tombamos todos os livros, e de lá pra cá...*

Figura .6 Antiga biblioteca do IFCS no 2º andar



Fonte: A autora

A entrevista com a professora Yvonne Maggie, teve a preocupação de fundamentar como a censura atuou na universidade em várias formas, em um momento em que se precisava de uma produção de pesquisa no campo das ciências sociais, mas que nesse momento essas pesquisas eram quase nulas com o enfraquecimento do IFCS. Segundo depoimento da professora Eulália Lobo<sup>15</sup>, houve um grande declínio na qualidade das pesquisas. Tentou-se vivenciar algumas memórias, buscando lembranças que comprovasse esse período como o mais silenciado da história.

A memória contada através das narrativas da entrevistada tem como principal instrumento um lugar de memória; tanto na sua forma concreta: paredes, mobiliários, estrutura, o acervo físico, como também uma narrativa histórica, com lembranças vindas a cada pergunta feita. O relato é uma comprovação, que existiu um cerceamento, mesmo que não explicito da Biblioteca, a própria questão de a mesma ter ficado tanto tempo fechada.

A ditadura civil-militar, ainda faz parte de forma muito presente na memória coletiva, faz parte do imaginário social, trazido sempre à tona em depoimentos como o concedido para esse trabalho. Segundo Goulart (, p.2), ”. Devemos lembrar que os trabalhos sobre memória não têm como objetivo analisar o passado em si, mas sim as imagens construídas socialmente no mundo de hoje, a partir de diversas lembranças anteriores.

Quando pesquisamos no campo da memória, principalmente enfatizando uma memória de um acontecimento histórico e traumático, é verificado como se pode extrair muito mais se formos fazer um estudo profundo de quem vivenciou tais momentos. Halbwachs nos diz que:

“(…) A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou se já bem alterada. (HALBWACHS, 2006, p.71).

Goulart (2016 p.2) afirma que memória pode ser uma forma de reconstrução do passado, que se manifesta no presente. Como explicou Portelli (1996), os discursos sobre eventos traumáticos do passado são marcados não apenas por dor e luto, mas também por ideologias, e essas devem ser entendidas criticamente (PORTELI 1996 apud GOULART 2016).

---

<sup>15</sup>Entrevista concedida por Eulália Maria Lahmeyer Lobo. Entrevista I [set.1992]. Entrevistadores: Ronaldo Vainfas, Ângela de Castro Gomes. Revista Estudos Historicos. Rio de Janeiro, 1992. Id 2010, p 94

Através das lembranças do depoimento, mesmo que algumas vezes plurais e controversos, buscamos trazer para o presente o quão foi ruim o não acesso, ou a proibição da informação, e, a não utilização do espaço que guarda a memória: a biblioteca. A fala sobre a preocupação de não citar livros proibidos já se dar uma dimensão da atuação da censura, mesmo que velada. A narrativa não fala só da biblioteca, ela engloba um todo, em um contexto em que toda a instituição foi atingida, por expurgos, cassações, etc.

Tratou-se de uma narrativa em que podemos constatar varias impressões, um conjunto de respostas, e percepções que juntou os diversos processos que fez parte de um momento da historia, que teve como protagonista: a biblioteca tema central desse trabalho e dentro dessa perspectiva da Professora Yvonne em falar da biblioteca mostrou também as problemáticas daquele momento, da censura, da situação da universidade, a falta de pesquisas, o não uso do espaço da biblioteca, já que se encontrava fechada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteca é sem dúvida um lugar de memória. Segundo Oliveira (p.43), existe uma relação próxima entre memórias, lugares e acontecimentos. Ainda de acordo com Oliveira, nesses lugares ocorrem, mudanças que ficaram registradas para vida. Existem vários tipos de censuras no caso da Biblioteca do IFCS essa censura no geral não foi oficial e sim ocorreu no campo das ideias

Essa pesquisa procurou mostrar a importância da Biblioteca em um tempo onde a informação era limitada e vigiada. As estratégias que podem ter sido utilizadas para o controle não só da biblioteca, como também o controle da referência de livros "proibidos" em sala de aula pelos professores, muitos expurgados por não concordarem com o sistema político autoritário vigente naquele momento.

O fechamento da Biblioteca trouxe prejuízos na construção do conhecimento, visto no depoimento da Professora Eulália que toda produção de pesquisa ficou restrita somente a 3 pesquisas, e, que ao longo de 12 anos segundo depoimento da professora, a universidade nada produzira, como também foram suspensas as assinaturas de revistas.

Podemos constatar um declínio considerável na área da pesquisa e talvez possamos ter perdido conhecimentos que devido a toda uma censura violenta sequer foram publicizados. Não foi difícil imaginar que professores, pesquisadores e alunos foram cassados, presos e até mortos, quando poderiam ter realizado grandes pesquisas no campo da história e das ciências sociais. Muitos não tiveram o acesso à biblioteca para realizarem suas pesquisas, pois esta se encontrava enclausurada (fechada).

A ditadura deixou marcas até hoje não cicatrizadas. Mesmo que a biblioteca não tenha sido diretamente atingida por expurgos, a censura e os mecanismos de repressão mesmo que de forma velada, aconteceram. O próprio fato de professores esconderem livros, não poderem citar autores e com foi dito no depoimento da professora Yvonne, sobre o episódio de livros que foram jogados ao mar, já configuram uma censura austera e violenta.

A memória preservada naquela biblioteca fechada, as restrições às informações, a negligência por parte da direção em colocar a biblioteca para funcionar, após uma década fechada, pode ter deixado uma lacuna não preenchida até os dias atuais.

A história da Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcelos, é uma história que envolve várias pluralidades; da própria Biblioteca com também a história dos atores que participaram e foram testemunhas vivas de um momento em que ficou claro a decadência, e, a violência sofrida pela universidade. Um declínio no conhecimento gerado pela falta de liberdade, e na

diminuição dos projetos desenvolvidos. O enfraquecimento sofrido na academia, a vigilância pelos órgãos de repressão, constituíram um conjunto de fatores que atingiu toda sociedade, não só a acadêmica, mas a sociedade em geral.

O período pesquisado o A1-5, ocorreu em um período de grande sofrimento e de uma grande turbulência para o País, em que o controle muitas vezes explícito do governo militar na informação, e a constante vigilância, nas universidades que sofreram a intervenção do Estado, autoritário, violento.

Na vigência do regime militar no Brasil, a censura prévia escrita pelos censores e muitas vezes concretizada pelos agentes repressores, foi uma maneira de impor a postura ideológica do autoritarismo dos militares, e colocar medo nas pessoas.

O estudo de um período como foi a ditadura civil-militar buscando reconstruir uma memória ressignificada daqueles tempos, usando como partida um lugar de memória -a biblioteca, é sem dúvida um assunto pertinente que não deve e não pode cair no esquecimento, ainda há muito a ser pesquisado desse período; há muitas questões mal resolvidas. Construir e ressignificar as memórias daquela época é estudo de grande importância para entender o passado, e não o repetir, e afirmar que a informação não deve ser restrita, mas sim disseminada democraticamente, que a biblioteca é lugar que fomenta a troca destas informações, para subsidiar pesquisas e incentivar a leitura. O trabalho aqui desenvolvido evidencia que a Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcelos é patrimônio, pois constitui um valor essencial na história da universidade, sendo de vital importância na produção do conhecimento.

O investimento em uma Biblioteca universitária não será um investimento perdido, mas sim um incentivo para que novas pesquisas sejam criadas na universidade, elevando o nome da instituição. Assim, é imprescindível que a biblioteca tenha condições de oferecer a seus usuários um ambiente adequado e confortável, e que seu acervo atenda as demandas do corpo docente e discente como também a toda a sociedade.

Devido a ocupação de estudantes contra a PEC 255 nos meses de outubro e dezembro de 2016, nas dependências do IFCS, a Biblioteca ficou interditada para seus usuários, pois foi local central para as atividades dos ocupantes. Por isso, esta pesquisa precisou se readaptar, de forma abrupta, às condições. Assim, não nos foi possível analisar documentos e sobretudo, pesquisar nos livros de tombo para elaboração de um diagnóstico do acervo da biblioteca no período estudado. No entanto, nosso interesse pelo tema permitirá a continuidade deste trabalho.

Figura, 7 A Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos atualmente



Fonte: A autora

## REFERÊNCIAS

ANSARA, S. **Memória política da ditadura militar e repressão no Brasil:** uma abordagem psicopolítica. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social. São Paulo: Pontífica. Universidade Católica.

ARRUDA, Susana Margareth; Chagas Joseane. **Glossário de bibliotecas e ciências afins.** Florianópolis: cidade futura, 2003

ASSIS, Célia Márcia Costa de; MEDEIROS, Enderson.; CALIL, Marcia Queiroz; FRAZÃO, Sheila Cristina; SILVA, Rose Mendes da; VELOSOS, Marcelo de Faria. **Refletindo o uso da biblioteca universitária:** proposta para treinamento on-line de usuário. Disponível em: <<https://sophia.bc.ufg.br/bc/publicacoes/artigofinal.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

BAEZ, F. **História universal da destruição de livros:** das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BERG, Creuza. **Mecanismos do silêncio:** expressões artísticas e censura no regime militar (1964-1984). São Carlos: EdUFSCar, 2002. 170p.

BONI, V. QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em Ciências Sociais, UFCS, v.2, n 1, jan/junh. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

BUCKLAND, M.K. Information as thing. Journal of the American Society for Information Science (JASIS). Tradução de Luciane Artêncio, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

CALVINO, ITALO. **Um general na biblioteca.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CARVALHO, M. C. R. de. **Estabelecimento de padrões para bibliotecas universitárias.** Fortaleza: UFC/ABDF, 1981.

CHARBONNEAU, J. P. **Lógica da Censura.** Folha de São Paulo. São Paulo, 4 mar. 1985. Seção Tendências/Debates.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros. Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os ISSN: 16799844 - InterSciencePlace - **Revista Científica Internacional** Páginas 120 de 197 Séculos XIV e XIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: UnB, 2a ed., 1999.

CORTÊS, N. Setenta anos de história na UFRJ (1939-2009). **Phoênix:** Rio de Janeiro, v.15, n. 2 p. 13.2. 2009. Rio de Janeiro.

DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia** em Hannah Arendt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ESPAÇO DO MUNDO [site]. Censura. Disponível em: <<http://srec.azores.gov.pt/dre/sd/115161010600/contacto/0708/outsocontactos/0607/0607/espacodomundo/censura.htm#titulo>>. Acesso em: 20 maio 2016

FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura militar, universidade e ensino de História: da Universidade do Brasil à UFRJ. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 66, n. 4, 2014. Disponível



em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252014000400012&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000400012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **História, tempo presente e história oral.** Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2002000200314&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2002000200314&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **História como ofício: a constituição de um campo disciplinar** – Rio de Janeiro: Editora FGV. 2013.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. (Coord). **Faculdade Nacional de Filosofia: Projeto Universitário ou trama Universitária?** Rio de Janeiro: UFRJ. 1989a v.1. (serie FNF*i*).

\_\_\_\_\_. (Coord.). **Faculdade Nacional de Filosofia: origens, caminhos e descaminhos.** Rio de Janeiro: UFRJ. 1989c. v.3 (serie FNF*i*).

\_\_\_\_\_. (Coord). **A Faculdade Nacional de Filosofia. Depoimentos.** Rio de Janeiro: Proedes/UFRJ 1992.

FOCAULT, Michael. **A ordem do discurso:** aula inaugural do College de France. 19 ed., São Paulo: Hucite, 2009.

GASPARI, Elio. **A Ditadura escancarada.** 2.ed., Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014

GONDAR, Jô; DODEBEL, Vera (orgs.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

GOULART, BARBARA. O passado em disputa: política, memória e ditadura militar no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL II 2016. Rio de Janeiro, **Anais...** PPGMS/UNIRIO. 2016 p. 1-9/.

GRANCHI, DANIELE CARVALHO. **As bibliotecas da Universidade federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como espaço de acolhimento e formação acadêmica de alunos ingressantes pela ação afirmativa.** Rio de Janeiro, 2015. 131F. Monografia (graduação) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HEGEL, Georg W.F. **A Estética:** a ideia e o ideal. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996. p. 128-135. (Coleção Os Pensadores).

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/historico.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**, 4. ed., Campinas: Unicamp, 1996.

LE MOS, Antonio Agenor Briquet. Qual a importância da censura nas bibliotecas brasileiras? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10. Curitiba, 1979. **Anais**. Curitiba, Associação Bibliotecária do Paraná, v. 3, p. 1158-1161.

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezello. **Bibliotecas públicas, bibliotecários e censura na Era Vargas e regime militar: uma reflexão**. Rio de Janeiro: Intertexto; Interciência, 2011.

MAQUIAVEL, NICOLAU. **O príncipe**. São Paulo: Centauro. 2005

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002.

MIRANDA, Antonio. **Biblioteca universitária no Brasil: uma reflexão sobre a problemática**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1978, Niterói. **Anais...Niterói**: UFF, 1978, p. 175-189. Disponível em: <[https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais\\_anterior/I-SNBU.pdf](https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais_anterior/I-SNBU.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2016.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NORA Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n 10, p 7-28, dez de 1993.

OLIVEIRA, António José Barbosa de; ORRICO, Evelyn Goyannes Dil. Memórias discursos e instituições entre caminhos e fronteira. In: OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de; QUEIROZ, Andrea C. Barros (orgs.). **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: FCC/SIBI, 2009, p. 117-130.

PASQUARELLI, Maria Luiza R. **Procedimentos para busca e uso da informação: capacitação do aluno de graduação**. Brasília: Thesaurus, 1996

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. In: MORAES FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. P. 103-130.

RIBEIRO, Adelia Miglievich. Marina Vasconcelos e IFCS/UFRJ em tempos extraordinários: AI-5, repressão, conflitos e o sentido da universidade pública. In: (Org.). Tempo negro, temperatura sufocante: estado e sociedade no Brasil do AI-5. Rio de Janeiro: Ed. PUC.Rio: contraponto, 2008.

SÁ, C. P. (2005). **As memórias da memória social**. In: C. P. Sá (Ed.). Memórias, imaginário e representações sociais (p.63-86). Rio de Janeiro: Museu da República.

SANTOS, Gildemir Carolino; RIBEIRO, Célia Maria. **Acrônimos, siglas e termos técnicos: arquivísticas, biblioteconomia, documentação e informática**. Campinas: Átomo, 2003.

SISTEMA DE BIBLIOTECA E INFORMAÇÃO DA UFRJ. Bibliotecas. Disponível em <<http://www.sibi.ufrj.br/bibliotecas-humanas.htm>>. Acesso em: 26 maio 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Censura e seleção de materiais em bibliotecas: o despreparo dos bibliotecários brasileiros. *Ciência da informação*, v. 16, n. 1, jan./jun. 1987. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002223&dd1=b9e35>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

XAVIER, Rodolfo Coutinho Moreira e COSTA, Rubenildo Oliveira da. Relações mútuas entre Informação e Conhecimento: o mesmo conceito? **Revista Ciência da informação**. DF, v. 39 n. 2, p. 75-83, maio/ago. 2010.

#### ACERVOS DOCUMENTAIS CONSULTADOS

Arquivo Faculdade Nacional de Filosofia (Programa e Estudos e Documentação Educação e Sociedade – PRODES/ UFRJ).

Arquivo da Universidade do distrito federal - Programa e Estudos e Documentação Educação e Sociedade – (PRODES/ UFRJ).

Documentação Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcelos

#### ENTREVISTAS CONSULTADAS

Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, v.5 n.9, p 84-96, 1992. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/96.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/96.pdf)>. Acesso em: 10 set.2016.

## APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Transcrição da entrevista com a professora Yvonne Maggie, realizada no dia 22 de setembro de 2016 no Instituto de Filosofia e ciências sociais –IFCS –UFRJ

Duração 43 minutos

1 Professora Yvonne, boa tarde, fale sobre sua formação Acadêmica, e, sua trajetória na universidade, durante a conjuntura política da ditadura civil-militar no Brasil?

Yvonne Maggie

-Então.. (PAUSA) eu me formei em e ciências sociais em 1968, dezembro de 68, que foi exatamente 1 mês do segundo golpe militar. É... Fiz toda minha carreira estudantil, até 1964 na época do desenvolvimentismo<sup>16</sup>, 64, eu tava no ultimo ano do ensino médio - antigo clássico. E, 1965 eu entrei na faculdade, e, fiz as ciências sociais portando em 1965 até 1968, em plena ditadura militar, e o Instituto de ciências sociais –antigo instituto de ciências Sociais, depois virou instituto de filosofia e ciências sociais. Era um lugar muito visado Em 68 os meus melhores Professores foram cassados; mas eu havia sido indicada para professora, pela Dona Mariana São Paulo de Vasconcelos, que dá nome a biblioteca –( eu falei humm) antes do golpe de 68, ela foi cassada em 68. Então eu fiz ciências sociais nessa época conturbada, mas ainda com grande parte dos professores dando aula: Eulália Lobo, Maria Yeda Linhares, Evaristo de Moraes, Mariana São Paulo de Vasconcelos na antropologia; enfim... e tive uma formação em ciências sociais razoável. Em 68 quando eu entrei –quando eu terminei a faculdade, é.. o museu nacional tava abrindo o curso (pensou um pouco pra falar) de mestrado, foi o primeiro curso de mestrado em ciências sociais no Brasil, nos moldes modernos, que havia o curso de doutorado na USP, em algumas outras universidade também, e era um curso no estilo antigo, você fazia duas teses, um negocio mais complexo. O museu criou novas regras depois da lei sucupira<sup>17</sup>, foi uma lei que modernizou a universidade, foi uma lei anterior a ditadura acho que de 63, e institui uma nova forma de organizar a universidade, comecei fazendo um sistema de credito. Eu tive um curso de pos graduação - mestrado excelente com um grande financiamento da fundação ford<sup>18</sup> na época e é eu tive um professor (não entendi) no mundo todo, minha formação me fez eh..produzir um trabalho, meu trabalho foi a guerra do orixá que foi minha primeira pesquisa, e essa formação me

---

<sup>16</sup>ECONOMIAPOLÍTICA doutrina ou movimento político que privilegia desenvolvimento econômico, principalmente através do aumento da produção industrial.

<sup>17</sup> Lei sucupira

<sup>18</sup> Fundação ford

permitiu desenvolver durante uns 15 anos estudos os cultos afro brasileiros até chegar ao meu doutorado que só fui fazer mais tarde, também no museu nacional, é.. (pequena pausa) Sobre eh... As relações entre magia e poder no Brasil, sobre a repressão aos cultos africanos. Então eu sou bacharel em ciências sociais pela UFRJ, embora tenha entrado em 65 ainda era universidade do Brasil Eu – UD, né? Não, U B –Universidade Do Brasil –eu: porque aqui era distrito federal né? Exato.

## 2 Como foi a convivência na universidade em tempos de ditadura?

Yvonne Maggie Eh, então.. Quando eu comecei a dar aula em um momento muito DURO (com ênfase), porque muitos dos meus colegas acharam que a gente não devia –era um grupo né de 5 pessoas que foram contratos, naquela época, sem concurso, por indicação, naquela época nem tinha concurso, e aí muitos colegas nos criticaram que estávamos tomando o lugar do cassados e tal, mas, mas achamos que era importante a gente continuar o trabalho das pessoas que nos tinha formado, e então aceitamos, eu não me arrependo, acho que foram anos pesados; anos que tavamos aula, ainda na Marquês de Olinda, mas tinha muitas pessoas tinha até polícia de revólver, pra ver o que você tava falando, e era uma perseguição aos alunos, muito alunos foram presos dentro da faculdade, foram momentos muito difíceis. E quando nos mudamos pra cá foi também uma coisa muito triste, nos viemos e a biblioteca do instituto de ciências sociais era uma biblioteca excelente de ciências políticas, toda biblioteca de ciências humanas da universidade do Brasil tinha o acervo lá no instituto de ciências sociais, era uma grande BIBLIOTECA (com ênfase) colocaram tudo no caminhão de lixo, trouxeram pra cá (IFCS) até de camburão com soldados, colocaram numa sala lá no segundo andar e ficaram todos jogados. E então foi uma época dura, mas uma época de formação, uma época que eu lutei muito e geralmente com alguns colegas para fazer o curso ficar melhor, né, e a gente foi descobrindo também: que curso era esse, como dar aula. Assim. Demorou mais ou menos uns 15 anos para a gente se recuperar

## 3 Na sua visão como se deu todo processo político e a censura com a implantação do AI-5 no IFCS

Yvonne Maggie Então.. Naquela época o AI-5 (respiração profunda) a ditadura militar, assim se tornou mais violenta, mas rígida, a gente tava aula, então paralelamente a isso – quem talvez não tenha vivido, visto as coisas da época; a gente tinha uma rigidez, não podia falar

dos assuntos, não podia se reunir em grupos não podia... E, eu lembro Eh.. Professores daqui, e tinha professores daqui como Eremido Vianna e tal que denunciava os professores, alguns foram denunciados, então o ai cassou todas aquelas pessoas, como eu falei dona Marina, inclusive, não porque eram muitas vezes... porque eram inimigos do Eremildo, Eremildo era o principal dedo duro, da parada (riso), então era um momento difícil, mas momentos também de formação e então e de liberdade os anos 70 pra minha geração, eu não gosto de chamar de anos de chumbo, porque se ao mesmo tempo você tinha a repressão do um lado da política o cotidiano da vida era por outro lado foram os anos da minha juventude, em que a gente – principalmente as meninas começaram a ter rum vida muito mais livre, tinha a pílula, não tinha aids, e tinha penicilina, então se podia transar, e, foi uma liberdade que a geração anterior a minha não teve...

4-Com a mudança para o largo de São Francisco, a biblioteca ficou fechada, segundo depoimento da Professora Eulália. Sobre o que aconteceu com o IFCS depois do AI-5, a professora Eulália ainda usa a expressão biblioteca Enclausurada, e que na sua volta com a anistia ela foi lutar pela biblioteca, Sra. Saber quais foram os motivos para biblioteca ficar fechada?

Yvonne Maggie -Como eu te falei: os livros vieram de camburão, viram em carro do lixo, carros da policia, caminhão da policia, vieram jogados e trazido em carinho de mão, eu vi isso!!, eu vi, ninguém me contou isso, em 69 eu vi, entraram com aquele carinhos de mão, viraram os livros, então ficou numa sala do no segundo andar totalmente, e.. Nem empilhados, eram montanhas de livros (pausa) montanhas de livros, entendeu? Eh,.. eu te digo foi um susto, uma tristeza ver aqueles livros ali jogados. Quando Eulália chegou em 79, ela ficou responsável pela biblioteca, e ela fez um trabalho realmente duro, porque ela levou a biblioteca ate aqui por 4 andar, era tudo diferente aqui e alguma parte lá pra biblioteca antiga que existia né, e foi ao poucos colocando os livros nas estantes, classificando, então ela fez um primeiro trabalho, foi ela que sugeriu a congregação que desse o nome da biblioteca em homenagem marina.

5- E quais foram as implicações com o fechamento da biblioteca para pesquisas, consultas ao acervo de alunos e, ate para os professores?

Yvonne Maggie Não tinha!! a gente tinha o sistema que era de empréstimo, professores tinham que compra os livros e emprestava os livros para os alunos, tanto assim que a minha biblioteca é toda furada, entendeu? Porque a gente ia e levava os livros e circulava os livros. Aí começou uma coisa que era naquela época no início dos anos 70 (picarro) o mimeografo que a gente mimeografava muitos textos e depois com a entrada da xérox virou a biblioteca de babel.

6- O chefe do departamento de História o professor Emerildo Viana, contribui para o fechamento da biblioteca? Fala-se que ele contribuía com o regime...

Yvonne Maggie -Não, não foi ele, foi o seguinte, quando. (são dois processos paralelos) vai entender, você tinha um processo da repressão que visava obviamente destruir as ciências sociais, ne Porque aqui era um “antro de comunismo”; então.. Mas por outro lado tinha a reforma, e que a reforma exigia que criasse agora institutos, então nos saímos de lá, uma casa alugada, e, viemos para cá, que era a antiga escola de filosofia e ciências sociais criando institutos, eh, assim. Com autonomia em relação a os outros institutos, que a gente faz parte de uma decania, né, de ciências humanas. Mas Eh.. A reforma levou á vários lugares pra o fundão foi a primeira, então a gente veio pra cá, também pra desalojar aquele prédio - que era na Marques de Olinda, uma casa maravilhosa, mas que não cabia tanta gente, ate fizeram umas salas de aula.Então têm esse dois lados, então o Eremildo, não foi o responsável, não sei o que a Eulália acha, mas eu não vi isso, eu vi simplesmente, que nos viemos pra cá, e viemos para instalações totalmente...não tinha, esse andar não existia, existia mas não era ocupado, que era vários.. é.. Laboratórios, então só existia o 3 andar e o 2 mais ou menos ocupados, o 2º era mais bem estruturado, então por isso que a Eulália, eu tenho pra mim -foi isso, que a ela ocupou com a biblioteca a parte, eh que era uma parte é (inteligível), então comprou estantes e tal e , foi fazendo aqui. Mas eu acho que diretamente ele (Eremildo) não contribuir para isso

7- Os órgãos de repressão que atuavam dentro da universidade, eles também atuavam dentro da biblioteca, ou seja, eles ficavam sabendo informações de livros que entravam na biblioteca?

Yvonne Maggie - Antigamente os professores tinham mais livros em casa, não tinha isso da gente ficar aqui, começou aparece depois da anistia, que a gente começou a viver mais a vida universitária.

8 Então não havia nem tipo de controle ou cerceamento da informação?

Yvonne Maggie –Ah!! Cerceamento assim: ah você tá dando antropologia, não tá dando Artur Ramos, e foi uma das acusações, porque antropologia tinha que ser entendido? (hum hum) Mas era o Eremildo que passava nas salas e me via dando aula – Eu: Ai existia essa proibição de determinadas obras de autores cassados, Yvonne Maggie não!! Autores cassado não. Arthur Ramos era um clássico, e eu dava muitos outros que não eram. Eu (entendi)

9- Os agentes de repressão usavam de algum mecanismo para impedir que acervos vistos como subversivos fossem dados em sala de aula?

Yvonne Maggie -Ah isso sim, você tinha é.. Primeiro uma auto. (Não completou) como eu era professora de antropologia não tinha muito esse problema né, que eu tava aula de antropologia então era menos identificado como uma coisa comunista, né, mas havia uma pressão muito grande: sobretudo na sociologia e nas ciências políticas. Eu lembro muito bem de uma situação em que eu fiquei apavorada, em que a minha uma das minhas colegas exatamente estava no mimeógrafo, mimeografou um texto Marta Harnecke. A Marta, era uma marxista didática. Um manual era assim, pessoas decoravam. Eu nunca dei isso, porque a antropologia que eu aprendi no museu, que eu vivava era uma antropologia, mas voltada para analisar processos concretos, eu tinha outras influências. Mas aquele dia foi muito apavorante porque, eh, tava lá no mimeógrafo e de repente eu falei pra minha colega: -gente!! isso vai dar um problema, eh, porque eles vão atrás da gente e tal, porque eu pedi por favor, porque o cara do mimeógrafo nos suspeitávamos que era dedo duro, -não sei se era ou não era.

10- As bibliotecas são lugares de memória, e, de fomento a informação. Como a Sra. vê a importância de uma biblioteca como a do IFCS dentro de uma conjuntura política da época de um regime autoritário, já que se trata de uma biblioteca de ciências sócias, com títulos não tão bem-vistos pelo governo militar.?

Yvonne Maggie Eh.. A biblioteca que a gente tem hoje, e mesmo aquela que foi feita pela Eulália não são diferentes, enfim a repressão era sofisticada até certo ponto, entendeu? mas não chegava a entrar nas estantes da biblioteca jogar fora os livros, mas tinha os livros de marxismos, continuavam lá, entendeu, mais até que hoje, que hoje eu acho que as ciências sociais estão mais afastadas até dessa, dessa tradição mais leninista né, mas na outra tinha (biblioteca) muitos. Agora eu lembro em 68 uma cena até com a professora Eulália, - não sei se posso dizer, mas ela tá morta, que era muito nossa amiga, e no, no... ela foi cassada,



e no dia anterior... não sei se foi 64 ou 68, não estou me lembrando direito, eu só sei que nos fomos no meu carro, um fusca colocamos os livros dela todos de marxismo que ela tava aula de Lemim Marx, Fidel castro, Mas se tung, Colocamos numa mala e jogamos no mar, lá em São Conrado, porque ela com razão tinha medo, que a policia eh entrando na casa dela, ter um argumento, ne e ela, ela tava aula disso de América latina, então tinha muitas coisas de américa latina nesse sentido assim. Mas a policia entrava e pegava assim por exemplo: o livros do (não entendi) que era vermelho, preto sei lá, que não tinha nada a ver, era um romance

11- Foi preciso esconder alguma vez algum livro da biblioteca?

Yvonne Maggie -Da biblioteca não, não soube disso.

12- Os temas de monografias, dissertações e teses com temas políticos de esquerda tinham alguma dificuldade em serem publicados e podiam ficar na biblioteca para consultas? Ou havia alguma restrição a que tais temas fossem desenvolvidos?

Yvonne Maggie- Não sei como foi no começo. Bom eu acho que no começo da nossa pos graduação, não havia um banco de tese onde as pessoas podavam, agora não tínhamos muito medo, dos nossos relatórios, dos nossos artigos, isso é um tema: por exemplo essa questão de não relevar os nomes das pessoas, nos anos 70 era regra. Mesmo nos relatórios a gente não colocava nomes de nada e, nem identificava o lugar, então eu acho aqui, como você ta identificando o instituto e a biblioteca, não tem sentido não identificar nomes, mas naquela época a gente tinha esse cuidado.

13 A sra saber dizer a data que a biblioteca foi reaberta, quando a professora Eulália volta do exílio e vai lutar pela biblioteca?

Yvonne Maggie. Quando... Eu Não tenho a data certa, mas eu tenho quase certeza que foi em 79, no final de 79, mas sabe onde você pode ver: nas atas da biblioteca, você pode ver se foi 79, 80, isso eu posso ver pra você, eu posso até pedir pra alguém pra; pra catar lá a ata, que deu o nome Marina São Paulo de Vasconcelos, pra gente instituir a data, isso é uma boa idéia, vou até colocar aqui.

14- E como foi a escolha do nome da professora Marina, houve um consenso?

Yvonne Maggie - foi feito em homenagem a dona Marina, porque na época dona Marina foi cassada junto com a Eulália, e as duas foram presas também, Marina foi presa duas vezes. Eulália como tinha eh mais instrumentos, ela foi logo convidada para os Estados unidos, então ela saiu, e a dona marina não, então ela foi presa duas vezes, logo depois faleceu –eu em 73 ne? Yvonne –é. Então eh, dona Marina, foi uma perda assim enorme e a Eulália propôs isso na congregação por aclamação. Eu vou escreve aqui se você quiser, é uma boa idéia isso. E mesmo quando foi inaugurada essa fase (1979), eu vou ver isso.

12 – Eu estou fazendo pesquisa também nos livros de tombo desse período, e uma coisa que eu verifiquei, é que quando a biblioteca sai da marques de Olinda e vem aqui para o largo de são Francisco, têm muitas doações de livros e os livros vieram pra cá. E foi justamente nessa época que a sra. conta que os livros foram encaixotados?

Yvonne Maggie - Não foi encaixotado não meu amor, eu to te falando, eu vi com esse olhos que a terra há de comer, pegaram assim, porque tinha que devolver a casa lá, ia colocando no carinho de mão, sabe o que é carinho de mão? (hum) de obra, pegava ali e jogava no camburão, eu lembro um dia que eu vi chegar, num carro, no caminho da policia militar, uma coisa Horrorsa.

13- Professora Terminou a nossa entrevista, eu agradeço a sra, claro que vai está escrito quando eu for transcreve, mas eu lhe agradeço muito, vai ser muito importante seu depoimento pra minha monografia.

Yvonne Maggie -Eu só queria completa uma coisa: Essa biblioteca, quando eu fui diretora, e resolvi então subi o conceito da bibliotecária chefe, depois nome diretora mesmo era Heloisa. E a Heloisa... nos decidimos fazer a biblioteca de livre acesso, eu arranjei milhares de dinheiro pra fazer a obra, a gente consegui transferir a biblioteca que era no segundo andar que tinha um funcionário que pegava da o livro estante voltava,pegava o livro na estante voltava, e quando você via na hora do almoço, tinha aqueles estudantes pobres na fila comendo biscoitinho casadinho, não tem dinheiro pra comprar comida, só eles, porque os mais ricos não precisavam da biblioteca, comprava os livros, então eh eu decidi mesmo fazer isso com essa biblioteca, e fizemos a obra, E.. E o intuito disso tudo, eu acho... a coisa por mais que eu tenha sofrido –ate pessoalmente, porque essa biblioteca passou pro uma fiscalização do TCU,e enfim então até hoje é objeto de.. eu sou objeto , eu e outras pessoas com se diz processo administrativo. eles não entenderam ao obra, nunca vieram aqui, tudo

isso aqui em baixo que você tá vendo, aquela coisa linda, todas essas portas eram quebradas, são madeira de lei, são de 3m de altura, foi uma obra que eu fiz assim diariamente, Helo<sup>19</sup> tem o depoimento dela, nos duas ficávamos aqui das 7 da manhã às 8 da noite, fazendo, fazendo, e transformamos a biblioteca, que tinha 3 sistemas de classificação, em um sistema único, tombamos todos os livros, e de lá pra cá... bom. a Helo saiu, se aposentou, vieram outras bibliotecárias foram aumentando o acervo, esse nosso acervo hoje é um dos melhores de ciências sociais da UFRJ –certamente, mas do Rio de Janeiro. Ela foi inaugurada –a biblioteca nessa nova fase, em dezembro de 1997, não tenho o dia, tudo organizado com computadores, com a rede Ah tem um coisa que não falei que é importante: a biblioteca – a UFRJ, não tinha um sistema de catalogação, tinha um inventário por uma pessoa, que devia ser louco, não conseguia 10 % metade do acervo era informatizado, então, eu comprei um acervo brincando com o SIBI, - É não nos vamos comprar, nos vamos comprar, mas nunca que chegava aquele negócio, então eu comprei com a verba do IFCS um outro sistema de informatização, e a gente fomos podando as coisas no sistema, e, também já pra familiarizar as bibliotecárias com essa forma de fazer né, a técnica de poda na internet é um processo muito lento, não é uma coisa fácil, e também naquela época -94, 94 iniciou-se no mundo as redes e internet, não havia isso, eu consegui essa rede aqui pro IFCS, porque eu era amiga do diretor do CBBS, que, que era amigo do meu irmão eles tinham um ponto de internet ligado a rede rio, então pro telefone a gente fez a ligação do cbbs, Então o cbbs nos doou essa via de internet, demorava horas, mas foi o primeiro, e no mundo antes disso nós tínhamos poucas universidades informatizadas no mundo. Então a gente começou, muito pare e passo com o mundo né mas num sistema menor, quando... eh.. eu tenho muitos irmãos, tinha, mas um irmão meu foi presidente da FUSP e nos conversando eu disse: se você que deixar seu nome a coisa mais importante e comprar um sistema de informatização, foi aí que eles compraram com verba da FUSP é o sistema Alphe que e a Mariza Ruzo era presidente do sibi e indicou esse sistema como melhor, e pra nós foi interessante, que quando estava sendo instalado o ALEPH, nós já tínhamos grande parte do acervo nesse sistema nosso, foi possível migrar, sem precisar fazer tudo de novo, entendeu? Eu- Vocês já tinham o banco de dados e quando foi implantado o Aleph foi mais rápido

Yvonne Maggie- Foi mais rápido

Eu – Eu acredito que as outras bibliotecas tiveram alguma dificuldade (comentário)

---

<sup>19</sup> Heloisa é bibliotecária aposentada da UFRJ

Yvonne Maggie Eu quero dizer que eu tenho uma grande admiração pela bibliotecárias, sobretudo como eu vivi lendo em biblioteca, eu tive uma experiência no Texas, e lá na bibliotecas tinha uma coisa que eu notei: sofás, coisas confortáveis para pessoas lerem. E lá as bibliotecárias, a gente tinha acesso as bibliotecárias entendeu? Muito bom, eu ficava praticamente uma hora naquela biblioteca lendo os livros que eu gostava de ler. E eu quero dizer que eu tenho tanto amor por essa biblioteca que é estranho, eu doeï todos os meus livros, fizeram então uma coleção Yvonne Maggie, que tá dentro do acervo geral. Quero colocar isso no trabalho. Eu conseguir, nos conseguimos com a Alga que é a nova diretora (que me abandonou), ela conseguiu uma coisa incrível que foi duas moças que já eram; que já tinha trabalhado na biblioteca terceirizadas, elas então estão fazendo a catalogação dos meus livros, estão faltando pouco –umas 7 caixas, eu acho. que até dezembro vai está tudo lá pra consulta aberta. E a diretora me disse que ficou muito feliz que a minha coleção do acervo muito utilizada, porque são os mais contemporâneos mais atuais.

## APENDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Professora Yvonne, boa tarde, fale sobre sua formação Acadêmica, e, sua trajetória na universidade, durante a conjuntura política da ditadura civil-militar no Brasil?
- 2) Como foi a convivência na universidade em tempos de ditadura?
- 3) Na sua visão como se deu todo processo político e a censura com a implantação do AI-5 no IFCS
- 4) Com a mudança para o largo de São Francisco, a biblioteca ficou fechada, segundo depoimento da Professora Eulália. Sobre o que aconteceu com o IFCS depois do AI-5, a professora Eulália ainda usa a expressão biblioteca Enclausurada, e que na sua volta com a anistia ela foi lutar pela biblioteca. Sra Saber quais foram, os motivos para biblioteca ficar fechada?
- 5) E quais foram as implicações com o fechamento da biblioteca para pesquisas, consultas ao acervo de alunos e, até para os professores?
- 6) O chefe do departamento de História o professor Emerildo Viana, contribui para o fechamento da biblioteca? Fala-se que ele contribuía com o regime...
- 7) Os órgãos de repressão que atuavam dentro da universidade, ele também atuavam dentro da biblioteca, ou seja, ele ficavam sabendo informações de livros que entravam na biblioteca?
- 8) Então não havia nem tipo de controle ou cerceamento da informação?
- 9- Os agentes de repressão usavam de algum mecanismo para impedir que acervos vistos como subversivos fossem dados em sala de aula?
- 10 As bibliotecas são lugares de memória, e, de fomento a informação. Como a Sra. vê importância de uma biblioteca como a do IFCS dentro de uma conjuntura política da época de um regime autoritário, já que se trata de uma biblioteca de ciências sócias, com títulos não tão bem-vistos pelo governo militar.?

11) Os temas de monografias, dissertações e teses com temas políticos de esquerda tinham alguma dificuldade em serem publicados e podiam ficar na biblioteca para consultas? Ou havia alguma restrição a que tais temas fossem desenvolvidos?

12) E como foi à escolha do nome da professora Marina, houve um consenso?

13) Professora Terminou a nossa entrevista, eu agradeço a sra., claro que vai está escrito quando eu for transcreve, mas eu lhe agradeço muito, vai ser muito importante seu depoimento pra minha monografia.

## APÊNDICE C – FOTOS

Figura.8. Foto da entrada da antiga Biblioteca no 4º andar.



Fonte: A autora

Figura.9. Panorama da antiga Biblioteca.



Fonte: A autora



Figura.10 Setor de obras raras e coleções



Fonte: A autora

Figura 11 Visão geral da Biblioteca Atual



Fonte: <http://biblioteca-ifcs.webnode.com/>